

O Governo do Estado de São Paulo vem proporcionando o atendimento escolar para a Educação Básica, nas aldeias de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani) Para tanto organizou um programa que compreende:

- Construções escolares;
- Contratação de professores indígenas;
- Curso especial de formação em serviço para o professor indígena, em nível médio e superior;
- Elaboração de material didático próprio.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Publicações:

Trabalhos de Conclusão de Curso: Caderno de Resumos

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena (Coleção)

Educação Escolar em Contexto Bilingue Intercultural

Jogos Educativos para Ensino e Aprendizagem de Línguas Indígenas

Narrativas de Memória

Projeto ARTE-IN

Vocabulário Bilingue (Coleção)

Um Caminho para a Educação Escolar Indígena

Histórias de Aula

LIVRO 3

Governador

José Serra

Secretário da Educação

Paulo Renato Souza

Coordenadora da CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Valéria Souza

Coordenadora do NEI - Núcleo de Educação Indígena

Deusdith Bueno Velloso

Reitora da Universidade de São Paulo

Suely Vilela

Diretora da Faculdade de Educação - USP

Sonia Teresinha de Sousa Penin

Coordenadora do Programa FISPI - Formação Intercultural Superior do Professor Indígena

Maria do Carmo Santos Domite

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena

Organizadores

Maria do Carmo S. Domite**Cláudia Georgia Sabba****Patrícia Zuppi****Régis Luiz Lima de Souza****Rogério Pereira**

Colaboradores

Adriana D. Mendonça**Adriano Martins****Vanisio Luis da Silva****Wanderleya Nara Costa**

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Um Caminho para a Educação Escolar Indígena

Histórias de Aula

LIVRO 3

Catalogação na fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

Um caminho para a educação escolar indígena: histórias de aula – Livro 3 / Secretaria da Educação, organização, Maria do Carmo Santos Domite, ... [et al]; elaboração, Adílio Wera Paraguassu ... [et al]. - São Paulo : SEE, FEUSP, 2010. 96 p.; il.

Publicação que integra o Programa "Formação Intercultural Superior do Professor Indígena" (FISPI) realizado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, Faculdade de Educação /USP e a Fundação de Apoio à FEUSP.

ISBN 978-85-7849-483-4

1. Educação indígena 2. Formação de professores indígenas 3. Cultura indígena 4. Interculturalidade I. Domite, Maria do Carmo Santos. II. Paraguassu, Adílio Wera. III. Título.

CDU: 376.74(815.6=082)

1ª edição

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

São Paulo

2010

© As imagens e textos deste livro podem ser reproduzidos somente para utilização em sala de aula.

projeto gráfico

libdesign

libdesigneditorial@gmail.com

Apresentação

A Secretaria Estadual de Educação de São Paulo reconhece a necessidade de realizar políticas públicas que coloquem em prática aquilo que a Constituição de 1988 determinou para os povos indígenas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação regulamentou para suas escolas e o CNE/CEB estabeleceu na Resolução 3/99: "Uma escola com normas e ordenamento jurídico próprios, fixando diretrizes curriculares de ensino intercultural e bilíngue."

Assim sendo, sabemos que esses povos além dos direitos de cidadãos têm os direitos específicos para o atendimento às suas necessidades étnicas.

Para nós, a língua materna de cada uma dessas etnias merece cuidados que vem se concretizando com, no mínimo, 500 anos de atraso.

As escolas indígenas das aldeias paulistas são interculturais e bilíngues. Seus professores são formados em cursos especiais para trabalharem com seus alunos o uso da língua materna.

As línguas vivas têm sonoridade e dinâmicas próprias. Esses elementos lhes conferem grande capacidade de transformação no tempo e no espaço, o que coloca para os jovens professores dificuldades na compreensão e na fala de seus idiomas quando estão diante dos anciãos de sua cultura.

A sala de aula é um ambiente dinâmico e vivo. O trabalho desses professores revela o uso de seus costumes e a prática de suas línguas no dia a dia da escola, num diálogo com o presente e com o passado, transformando essa escola em espaço de conversa, uma das formas mais importantes para articular língua e linguagem fortalecendo a prática dessas línguas ricas em sabedoria e abandonadas pela sociedade.

Deusdith Bueno Velloso

Coordenadora do NEI- Núcleo de Educação Indígena

A Coleção

Entre as prioridades da Secretaria de Estado da Educação e da Faculdade de Educação do Estado de São Paulo, destaca-se a busca de uma nova orientação para a educação escolar indígena no sentido de uma formação intercultural e bilingue. Essa prioridade vem se materializando, desde 2001, por várias ações voltadas para a formação de professores indígenas do Estado de São Paulo entre as quais a Formação Magistério Indígena (2001-2002) e, esta última, a Formação Superior Intercultural de Professores Indígenas.

Nessa perspectiva, reconsideramos aqui a nossa visão que a educação indígena é um processo de construção coletiva do qual participam diferentes grupos de interlocução: a escola e a comunidade indígena, os professores indígenas e os formadores/especialistas das diferentes áreas do conhecimento.

Da experiência reflexiva dos educadores não-indígenas, do encontro destes com os professores indígenas, foi ficando cada vez mais claro que os modos de educar tradicionais indígenas são gerados e semeados em meio ao povo em uma relação direta com as relações sociais, os modos de interagir com o ambiente, o diálogo com os parentes, os mitos, dentre vários outros aspectos que se fazem presentes na realidade cotidiana vivida. Logo, o ato de educar indígena é construído no dia-a-dia por meio das diferentes vertentes que compõem o seu complexo sócio-cultural.

Diferentemente dos modos de educar tradicionais indígenas, muitas sociedades por todo o mundo há tempos vêm promovendo a educação principalmente por meio de instituições escolares. Esses modos distintos de fomentar o ato de educar – indígena e não-indígena – encontraram-se na realidade brasileira, devido à dinâmica intercultural iniciada neste território após a chegada dos povos europeus.

Nesse novo contexto que se fez presente na realidade brasileira desde o início do século XVI, não há como negar que diversos mecanismos de poder, de maneira continuada, desvalorizaram os conhecimentos genuinamente indígenas, inclusive aqueles que se referem especificamente aos seus modos de educar. O evidente desrespeito esteve instituído no aprato legal brasileiro até o advento da promulgação da Constituição Brasileira de 1988. A mudança de cenário, decorrente da transformação legal ocorrida nas duas últimas décadas, é um dos pontos retratados nesta primeira parte, tendo por objetivo oportunizar, principalmente aos leitores indígenas, o debate acerca de informações importantes que envolvem diretamente os seus direitos a uma educação diferenciada.

Há tempos a educação escolar se faz presente em parte significativa das aldeias indígenas brasileiras. No entanto, as escolas presentes nas aldeias promoveram conhecimentos não-indígenas sem haver uma devida preocupação com os saberes propriamente indígenas, sua língua materna, seus modos de compreender, de ensinar, organizar, inferir, viver. Muitas vezes, houve sobreposição do saber não-indígena ao saber indígena.

Mas, na atualidade, a consciência deste equívoco histórico tem fomentado intensos debates em meio aos professores indígenas. Esses têm visualizado nas ações pedagógicas desenvolvidas na escola uma possibilidade de, em um só tempo, promover os saberes indígenas e, em acordo com as suas necessidades, trabalhar também os conhecimentos não-indígenas, sem, no entanto, sobrepor um ao outro. Nesse contexto, tem sido considerado fundamental, em um ponto de vista metodológico, partir sempre dos saberes maternos – valorizando-os, fortalecendo-os – para, em um segundo momento, chegar aos saberes não enraizados na cultura.

A Educação Escolar Indígena germinada sob essa perspectiva é a que faz parte das concepções que compõem este livro. A escola, apesar de não fazer parte das tradições primeiras dos povos indígenas brasileiros, é vislumbrada pelos profissionais indígenas e não-indígenas que estiveram envolvidos com a construção deste material, organizado em três partes, como um meio que pode contribuir de modo substancial para o fortalecimento da cultura indígena, bem como para a inserção política do indígena às lógicas que hoje permeiam a realidade social brasileira.

O espaço de debate entre intelectuais indígenas e não-indígenas oportunizado por meio da *Formação Intercultural Superior de Professores Indígenas*, desenvolvida em uma parceria entre o Governo do Estado de São Paulo e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, desencadeou em importantes visões acerca da construção de uma escola de fato representativa dos quereres indígenas. Este material tem por intenção constituir-se em um registro significativo das referidas visões.

Os autores que aqui compartilharam da construção desta coleção mantiveram-se carregados de esperança, sob a consciência plena de que a formação de professores indígenas é uma prática decisiva para a construção de uma escola contextualizada, significativa e que, portanto, efetivamente respire desejos, alegrias e conhecimentos indígenas.

A produção desta coleção contou com o trabalho de parte da equipe de coordenadores, professores-formadores não-indígenas e professores indígenas do curso de Formação Intercultural Superior de Professor Indígena-FISPI, a saber: Maria do Carmo S. Domite (coordenação geral); Maria do Carmo S. Domite, Cláudia Georgia Sabba, Patrícia Zuppi, Régis Luíz Lima de Souza e Rogério Ferreira (organizadores); Adílio Wera Paraguassu, Cleberson Evaristo de Almeida, David Henrique Pereira, Lenira Dina de Oliveira, Maria Luiza Marques, Mirian Dina dos Santos Oliveira, Pedro Miri Delane, Ubiratã Jorge de Souza Gomes (ilustradores); Adriana Domite Mendonça, Adriano Martins, Vanisio Luis da Silva, Wanderleya Nara Costa, Cláudia Georgia Sabba, Patrícia Zuppi e Régis Luíz Lima de Souza (colaboradores); Denérída Brás Martins Tsutsui (revisora).

Sumário geral da coleção

LIVRO 3

Um caminho para a educação escolar indígena: histórias de aula

	13
Mitos sobre a origem do povo Guarani: uma experiência em sala de aula	14
O tempo e o lugar dos Krenak no Estado de São Paulo	22
Pensando novos modos de ensino de matemática para a Educação de Jovens e Adultos Indígenas – EJA	26
Intercâmbio com outras aldeias Guarani – Projeto Nhandekuary: o saber do nosso povo	30
A escola indígena e os saberes tradicionais esquecidos – Guyrapa: o arco-e-flecha Guarani verdadeiro	35
Ensinando a confeccionar o artesanato Guarani	44
Vivenciando minhas memórias – memórias dos moradores da aldeia Piaçaguera	46
O relato da vivência da construção do monde com as crianças da Escola Estadual Indígena Aguapeú	53
Tambo: vestimenta tradicional do povo Guarani – uma experiência em sala de aula	58
Visita ao bairro da Liberdade	63
A importância das tradições e a cultura Guarani	67
Ervas Medicinais – trilhando uma parceira entre comunidade e escola	78
Do conhecimento sobre agricultura dos terena da Terra Indígena Araribá ao ensino para crianças de 7 a 10 anos	82
Uma Conversa ao pé da árvore...	90

Sumário geral da coleção

LIVRO 2

Um caminho para a educação escolar indígena: pensando a sala de aula	11
1. De uma situação desencadeada em sala de aula	12
As pipas estão no ar... e as bonecas?	13
O dia em que os filhotes invadiram a escola	22
2. Tema gerador	31
2.1 De um convite aos alunos para eleger um tema gerador	
2.2 De um tema gerador escolhido pelo professor	
O bicho peludo e os bichos chifrudos	32
Brincadeiras	42
Meio ambiente	54
Um estudo sobre cobras e outras coisas...	65
3. De uma atividade dirigida a um conteúdo	74
O menino e o gavião gigante em viagem pelo Brasil	75

LIVRO 1

Um caminho para a educação escolar indígena: da teoria à prática	11
Em busca (da liberdade) de poder ensinar na escola... como aprendemos frente à realidade vivida - <i>Maria do Carmo S. Domite e Claudia Georgia Sabba</i>	15
A legislação brasileira escolar indígena: buscando a consolidação do direito dos povos indígenas à educação diferenciada - <i>Luís Donisete Benzi Grupioni</i>	23
A escola indígena paulista - <i>Nivia Gordo e Cláudia Georgia Sabba</i>	34
Interculturalidade entre o conhecimento étnico e outros conhecimentos dentro do espaço escolar - <i>Eduardo Carrara</i>	40
O currículo como releitura do vivido - <i>Gustavo Kilnner</i>	47
Língua escrita x língua falada - <i>Ruth Maria Fonini Monserrat</i>	61
Interculturalidade e bilinguismo nas escolas das aldeias indígenas - <i>Idméa Semeghini-Siqueira</i>	68

UM CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: HISTÓRIAS DE AULA

Sob a consciência de que o compartilhamento de experiências e conhecimentos indígenas é uma atitude fundamental para o desenvolvimento de ações educacionais-escolares contextualizadas e representativas dos desejos indígenas, a terceira parte que compõe esta coleção irá evidenciar algumas práticas que os educadores indígenas vêm vivenciando em sala de aula no sentido de construir ou apontar para um caminho na via da interculturalidade, no âmbito da construção da educação escolar no contexto indígena.

As aulas registradas, ou trechos delas, emergiram/surgiram nos momentos do curso de formação destinado ao intercâmbio das experiências dos professores, a partir da vontade dos próprios autores/professores indígenas de compartilhar com o grupo suas vivências no contexto escolar, buscando uma linguagem que permitisse a outros professores indígenas criar caminhos inspirados nas propostas apresentadas.

Compõem também esta terceira parte importantes aspectos presentes nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) produzidos pelos professores indígenas como requisito para a finalização da Formação Intercultural Superior. Vale ressaltar a ótima qualidade dos referidos trabalhos. Eles muito contribuem para a revitalização das culturas indígenas presentes no Estado de São Paulo e, além disso, acenam para importantes possibilidades pedagógicas ao nível da Educação Escolar Indígena.

Deste modo, em meio a experiências educacionais planejadas e mediadas por professores indígenas que buscam construir uma escola representativa da realidade sócio-político-cultural vivida em suas comunidades, bem como em meio à riqueza de conhecimentos indígenas sistematizados nos TCC's, tem-se por intenção oportunizar aos leitores um leque de fatores que possa efetivamente contribuir para a construção de uma escola diferenciada nas aldeias, harmonizada ao ambiente em que se encontra, geradora de cultura, de criatividade, de modos significativos de ensinar e aprender, fortalecedora da cidadania indígena nos diferentes espaços da sociedade brasileira.

Mitos sobre a origem do povo Guarani: uma experiência em sala de aula

Prof. Guarani Adílio Wera Paraguassu

Eu gosto de ensinar língua Guarani e meus alunos gostam muito de escrever e ler em Guarani. Tive, um dia, a ideia de trabalhar com o mito da origem do povo Guarani e este trabalho me trouxe bastante realização. Ao mesmo tempo em que saciei a minha curiosidade sobre essa origem (como *Nhanderu* criou tudo), pude transmitir, através dos relatos dos mais velhos, essa tradição tão importante.

O objetivo desta atividade foi revitalizar, no contexto escolar, mitos conhecidos pelos mais velhos sobre a origem do povo Guarani. Para isso elaborei perguntas que tentaram investigar esses mitos.

Há diferentes versões de mitos que contam a origem do povo Guarani? Esses mitos ainda são contados pelos mais velhos? Em quais situações?

Como o mito é uma narrativa tradicional que procura dar uma explicação sobre as origens do homem e do mundo em que vive, representando a interpretação que um povo faz de sua própria existência, decidi desenvolver este trabalho na escola para fortalecer os mitos do povo Guarani.

Como desconhecia muitas passagens deste mito para contá-lo o mais fiel possível às crianças, decidi gravar entrevistas que foram depois usadas em sala de aula. Todas as três gravações foram realizadas na aldeia. Para começar, marquei dia, horário e local. Primeiro perguntei aos entrevistados o que sabiam sobre a origem do povo Guarani, pedindo que contassem os mitos que conheciam. Elaborei perguntas iniciais: Como surgiu o primeiro índio Guarani? O que aconteceu? Como se chamava esse primeiro Guarani? Pedi que contassem como era antigamente, que mudanças ocorreram e como os Guaranis entendem sua origem hoje.

As gravações duraram cerca de uma hora cada uma e foram transcritas em Guarani. Alguns trechos foram textualizados em Português. Depois, pedi que as crianças da escola fizessem desenhos para ilustrar os mitos contados.

Proposta didática realizada na sala de aula

A partir da gravação das narrações dos entrevistados sobre o mito da origem do povo Guarani, foi realizada uma sequência didática com os alunos de 3ª e 4ª séries. Inicialmente, os alunos escutaram os depoimentos, gravados em Guarani, para lembrar o mito em questão e algumas atividades foram desenvolvidas. Desse modo, as crianças foram conscientizadas sobre o valor de sua etnia e a percepção de sua identidade. Além disso, a cultura tradicional foi aproximada do contexto escolar, já que esse é o fundamento da escola indígena bilíngue.

Etapas da sequência didática

Partindo dessa base, foi proposta a realização de uma sequência didática. Essa foi subdividida em três momentos, a saber: o primeiro foi a retomada da narrativa a partir de um trabalho lúdico e artístico envolvendo todas as crianças; já o segundo foi a seleção de alguns desenhos produzidos pelas crianças para serem feitos com técnicas amparadas em determinados recursos, como a tinta guache e a aquarela; finalmente, o terceiro foi a elaboração conjunta de um glossário, restrito às palavras mais importantes que apareceram durante o processo de narração dos mitos.

A seguir, desenvolveremos detalhadamente cada momento, ou melhor, cada fase do processo pedagógico.

A narrativa ilustrada

Na primeira fase, pediu-se aos alunos para recuperarem a narrativa no formato de desenhos, favorecendo uma atividade lúdico-artística. Os alunos ilustraram individualmente as partes que mais lhes interessaram, puderam interagir com o grupo. Assim, toda imagem trazida pelo mito foi registrada. Além disso, o professor pediu a ilustração dos trechos que não foram representados. Também socializou os desenhos na classe, organizando-os numa forma sequencial.

Essa sequência de trabalho foi baseada na proposta de recuperar a história do mito da origem do povo Guarani em outra linguagem: a da arte, particularmente, a pintura. A narrativa ilustrada encontra-se a seguir.



Nhanderu criou a Terra, o Sol, a Lua e as Estrelas. Depois de tudo

isso, criou o homem Guarani a partir do arco e da flecha e a



mulher Guarani do cesto ou do balaio. Assim, o mundo foi povoado

com o homem Guarani e com a mulher Guarani.



Logo, Nhanderu criou a aldeia, com suas



matas e rio. E o povo Guarani pôde iniciar as suas

atividades, como a construção da sua opy (Casa de Reza).



Antes de conseguir criar o homem Guarani, Nhanderu criou o mbai



(curupira) e também o jaxy jateré (saci).



Todos passaram a viver neste ambiente, repleto de matas, árvores



frutíferas, diversas espécies de vegetações, farturas de todos os tipos,



inclusive coqueiros e palmeiras. Enfim, uma flora muito rica e bela.



O povo Guarani desfrutava dessa natureza e apreciava as frutas,



como as bananas e até as cabaças, utilizadas para diversos fins.



Nhanderu ofereceu plantas como as que davam a melancia, ofereceu



também as plantações de milho, os amendoins e tantos outros.



Que criação bela: matas, rios, flores, frutas, e mais

coqueiros e plantações de milho.



Das atividades, uma era o artesanato: capi'í'a (colar de sementes,

contas feitas de Nossa Senhora).



O povo se alimentava da própria terra: cultivando o milho, colhendo



as frutas, como as jaboticabas.



Natureza completa, tudo em harmonia: terra, água..

Aves livres voando por todos os lados, de espécies diversas, animais

soltos em seu ambiente, cada qual com suas características.



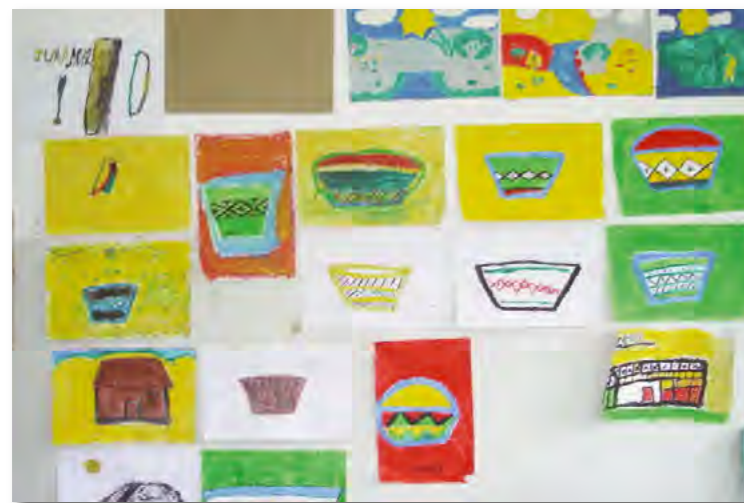
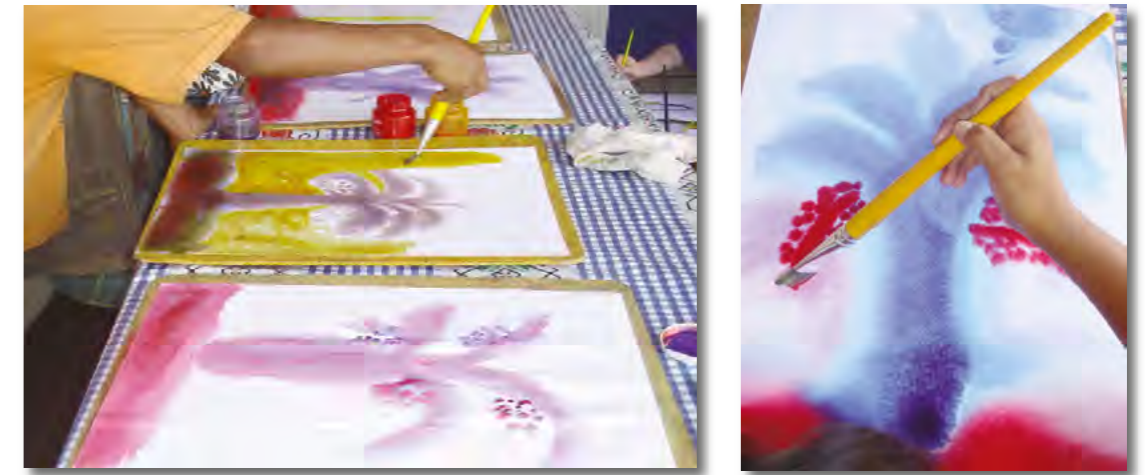
Tudo criação de Nhanderu.



Seleção de desenhos e pintura em guache e aquarela

Em relação à segunda fase da sequência didática, dentre os desenhos realizados, os alunos escolheram alguns temas para serem elaborados com técnicas diferentes do lápis de cor ou giz de cera. Optaram pelo uso do guache e da aquarela. Assim, os desenhos referentes ao guyrapa *haguy hu'y* (arco-flecha), da *ajaka* (cesta) e da *opy* (casa de reza) foram feitos com tinta guache e o *pindoty* (coqueiro) com aquarela. Segue abaixo a visualização desse momento.

Crianças em pleno processo lúdico-artístico



Pinturas em guache do guyrapa *haguy hu'y* (arco-flecha), da *ajaka* (cesta) e da *opy* (Casa de Reza)



Alguns exemplos do processo artístico da segunda fase da sequência didática: pinturas em aquarela do *pindoty* (coqueiro)



Elaboração de glossário

Já a terceira parte da dinâmica deteve-se na elaboração de um glossário com as principais palavras surgidas nos relatos do mito da origem do povo Guarani. Os alunos foram sugerindo várias delas ao longo de nossa atividade e todas foram anotadas. As palavras apresentadas foram escritas em Guarani com tradução para o Português.

Futuramente, poderemos dar continuidade a essa atividade para a elaboração de uma produção textual coletiva. Segue o glossário.

GUARANI	PORTUGUÊS
AJAKA	CESTA
ARA	CÉU
AVA	HOMEM
GUYRA	PÁSSAROS
GUYRAPA	ARCO
HU'Y	FLECHA
JAXY	LUA
JAXY JATERÉ	SACI
JAXYTATA	ESTRELAS
JETY	BATATA
KA'AGUY RUPIGUA'I	ANIMAIS
KAAGUY	MATA
KUARAY	SOL
KUNHA	MULHER
MANDIO	MANDIOCA
MANDUVI	AMENDOIM
MBAI	CURUPIRA
MBOY	COLAR DE CAPIÁ (LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA)
MIMBY	FLAUTA
OO	CASA
OPY	CASA DE REZA
PAKOVA	BANANA
PARAGUAXU	MAR
PINDO	PALMEIRA
PINDO	PALMEIRA
TAKUARE'Ë	CANA
TEKOA	ALDEIA
VAPĭ	COQUEIRO
XANJAU	MELANCIA
YAKĀ	CACHOEIRA
YAKUA	CABAÇA
YVAPURU	JABUTICABA
YVOTY	FLORES
YVY	TERRA
YVYRA'A	FRUTAS

O tempo e o lugar dos Krenak no Estado de São Paulo

Prof. Krenak Altieri Damaceno de Oliveira

Prof. Krenak Constantino Jorge da Silva

Prof^a. Krenak Fabiana Damaceno de Oliveira

Apresentaremos a seguir as etapas de uma proposta pedagógica: uma sequência de aulas, que parte das lembranças das crianças da escola da aldeia, chegando até a produção de textos - focalizando uma das grandes memórias do nosso povo: a vinda do povo Krenak para o estado de São Paulo. A memória dos mais velhos deve ser a base deste trabalho junto à escola.

AULA 1: O professor pede aos alunos que se sentem em círculo, iniciando uma explicação sobre o significado de *lembrança/memória*. Daí, o professor pede que eles pensem em suas lembranças, recordem situações que deixaram marcas/lembranças por terem sido alegres ou tristes, engraçadas ou perigosas. O professor dá um tempo para que os alunos façam isso. Logo após, o professor começa a contar uma lembrança sua, como um modo de fazer as crianças ficarem mais à vontade, deixando de lado a timidez e o medo de falar. Ao terminar de contar a sua lembrança, o professor pede que cada aluno fale sobre a sua lembrança ao grupo.

AULA 2: Em uma segunda aula, o professor pode retomar a aula anterior pedindo que cada aluno recontar, de modo mais ou menos resumido, a *lembrança* escolhida na aula anterior. Logo após todos terem falado, o professor pede que eles comecem a escrever sobre a sua história/lembrança.

AULA 3: Com as lembranças dos alunos escritas (e, naturalmente, a redação de um texto vai depender da condição do aluno como escritor) o professor iniciará com os alunos o trabalho de reescrita. Lembrando das lições da professora Aparecida, a reescrita de um texto pode ser feita da seguinte maneira:

Chama-se uma ou mais crianças para serem os autores do dia, ou seja, aqueles que terão seus textos lidos e reescritos um a um com a classe. Os demais textos devem ser corrigidos pelo próprio professor, pois fazer esse processo de reescrita, junto com a classe, de todos os textos, pode se tornar cansativo para as crianças. Fica como uma proposta, cada vez que as crianças produzirem um texto, diferentes crianças poderão se candidatar a deixarem seus textos serem reescritos coletivamente.

AULA 4: Ao terminar de corrigir, o professor pede que cada aluno passe a limpo o texto e, no final da aula, leia para a classe. É importante lembrar às crianças que estes textos vão ser reunidos e se transformarão em um pequeno livro ou um jornal da escola para que mais pessoas possam conhecer os relatos das memórias das crianças da aldeia. Sempre antes de a criança escrever, ela precisa saber para *onde vai* seu texto, *quem* vai lê-lo, compreendendo assim que a gente não escreve por escrever, mas sim para nos comunicar, expressar uma ideia e compartilhá-la com as pessoas.

Nas quatro primeiras aulas, estaremos mostrando às crianças o que é um relato de memória, por meio da escrita de seus próprios relatos, para podermos mais adiante trabalhar em um texto – memória sobre a vinda dos Krenak para o Estado de São Paulo.

Relato do Professor Altieri com os alunos: “Foi a partir deste modo de trabalhar que despertei a curiosidade nas crianças sobre a origem dos avós, dos pais até chegar neles. Comecei a perguntar a eles se sabiam algo sobre as origens do povo Krenak. Muitos me diziam que não. Foi a partir destas questões que todos se interessaram em saber sobre sua origem, origem do povo Krenak.

Ao notarmos o interesse das crianças sobre a vinda dos Krenak para o Estado de São Paulo, convidamos um mais velho para falar com elas sobre esta história, e ele aceitou se propondo a nos ajudar, falando o que sabia. Programamos, então, um dia para ele ir até a escola.

Neste tempo, conversamos com as crianças e pedimos para formularem perguntas expressando as suas curiosidades.”

AULA 5: Em um círculo, os alunos e o professor ouvem o mais velho Krenak contar como foi que os Krenak vieram para o Estado de São Paulo. Quando o idoso Krenak acabar a história, o professor pede para os alunos se reunirem em pequenos grupos para formularem algumas perguntas ao idoso sobre o relato.

AULA 6: Lembrarem juntas o que o velho Krenak contou. Conversar, bastante sobre o assunto, ajudando-os a lembrar as diferentes partes da história, imaginar como deve ter sido, *imaginar como as pessoas que vivenciaram esta situação devem ter se sentido*. Daí os alunos, com a ajuda do professor, devem começar a escrever sobre a vinda dos Krenak para o Estado de São Paulo baseado na fala do mais velho. Após um tempo de trabalho individual para a escrita do texto, é importante chamar o idoso para ouvir a leitura de alguns textos e complementar com mais informações.

AULA 7: Com a memória da vinda dos Krenak para o Estado de São Paulo escritas pelos alunos, o professor, junto com eles, faz a correção e a complementação da mesma.

AULA 8: O professor pede que cada criança faça um desenho de acordo com o seu texto. Esta etapa pode ser feita antes das crianças escreverem o texto, isso vai depender de cada grupo e de cada situação.

AULA 9: Como fechamento destas aulas, pede-se que cada grupo apresente o que eles fizeram sobre a fala do mais velho e reparem se há semelhanças ou diferenças entre os textos que cada um produziu. É muito importante que estes textos tenham um destino claro e que as crianças, desde o início, sejam informadas deste destino. Os textos podem ficar no mural da escola, podem tornar-se um livro que ficará na biblioteca da escola ou em muitas outras bibliotecas para que outras crianças conheçam sobre o povo Krenak. Novamente é importante que as crianças percebam a importância de seus textos como uma forma de comunicar/ contar para muitas pessoas a história de seu povo.

Nosso objetivo com essas aulas é resgatar a história dos Krenak de São Paulo e não deixar apagar essa história que está dentro da memória dos mais velhos. Nosso desejo é fortalecer a nossa identidade cultural, aproximando os mais velhos do trabalho das crianças e dos professores da escola.

É importante destacar também que o desenvolvimento dessas aulas propicia o encontro das diferentes gerações Krenak em busca da história do nosso povo. O fato de termos voltado à atenção para entender melhor quem somos e de onde viemos enquanto povo nos trouxe um sentimento de valorização da nossa cultura e um sentido para continuarmos cultivando e pesquisando sobre o nosso povo. A escola e o aprendizado escolar passou a ter mais significado quando voltamos para questões que verdadeiramente nos interessam e nos dizem respeito. Quando valorizamos aquilo que somos, a nossa autoestima aumenta e percebemos que as crianças acabam produzindo textos que tem sentido para elas. Além disso, nós, professores, nos sentimos motivados a ensinar e percebemos que os mais velhos ficam muito felizes e empolgados de poder contribuir com o conhecimento que é transmitido na escola. Os mais velhos por muito tempo se calaram sobre a nossa história, pois além de ser uma história um tanto quanto dolorida, talvez eles também pensassem que não havia porque passá-la adiante – muitos tinham muito medo de tocar neste assunto. Este trabalho começou a reavivar este passado dolorido e, junto das crianças estas memórias puderam ganhar uma outra cor. Aquilo que estava quieto e dolorido pôde se transformar em algo enriquecedor para nós.

Pensando novos modos de ensino de matemática para a Educação de Jovens e Adultos Indígenas - EJA

Prof. Terena David Henrique Pereira

Tudo começou quando eu estava em casa trabalhando em um artesanato com cabaças e vieram na minha cabeça as aulas de matemática do curso da USP.

Eu já tinha alguns planos para ensinar matemática usando este artesanato quando veio a ideia de desenhar na cabaça os números com pontinhos representando as quantidades, aquela ideia dos alunos representarem a “fotografia” que vem “na cabeça” quando se pensa numa quantidade, conforme sugerido em aula pela prof^a Maria do Carmo.

Eu já estava me preparando para fazer com meus alunos de Educação de Jovens e Adultos Indígenas (EJA), da Escola da Aldeia Ekeruá, a atividade da “fotografia do número na cabeça” usando sementes quando, de repente, vieram três coisas juntas no meu pensamento: desenhar na cabaça furinhos com as quantidades de 1 a 10 do jeito como eu vejo na minha “cabeça”, construir encaixes na frente de cada conjunto de furinhos (que eu chamei de koexoe) e desenhar os algarismos na frente de cada conjunto de pontinhos.

O material ficou assim:



Muito feliz com o meu arranjo, resolvi trazer o material para mostrar na semana de aulas do curso na USP. Ao mostrar para a professora Adriana, que acompanha o trabalho da nossa sala, ela sugeriu que eu procurasse a professora Maria do Carmo para discutir como utilizar esse material durante minhas aulas. A professora Maria do Carmo gostou muito, a primeira vista, da ideia e marcou um momento à parte para pensar mais sobre o material. Neste encontro, pensamos muitas coisas sobre matemática, por exemplo, como as crianças vão reagindo diante dos números e aí surgiram várias ideias para o material feito na cabaça.

Ela sugeriu que o material virasse um jogo para ensinar matemática – o jogo “não mais que...” que pode ser “não mais que 10”, ou “não mais que 9” ou “não mais que 13”.

O jogo do “não mais que...”

O jogo é assim:

1) Cada aluno, em sua vez, joga o dado. Na primeira vez, marca o número tirado colocando o marcador de cabaça (*koexoe*).

Daí, para cada número tirado no dado, o jogador faz mentalmente a soma dos pontos que já tinha com os pontos que tirou e coloca no furinho o valor do resultado. Perde quem obtiver 13 pontos primeiro, se o jogo for “não mais que 13”.

2) O tabuleiro é uma cabaça em forma de cobra, com 13 buracinhos e cada aluno tem um “pião” (uma pequena cabaça) que encaixa nos buracinhos da “cobra”, de acordo com os números tirados no dado.



3) O jogo pode ser jogado por 2 ou 3 alunos. O interessante desse jogo é que ele estimula o cálculo mental – já que os alunos fazem as contas sem o auxílio de lápis e papel – e desenvolve a noção de

subtração, o raciocínio para o cálculo do “quanto falta para”.

Quando levei o jogo na sala de aula, jogaram três alunos: Jorge Ubirajara Barbosa, Analice Lipú e Lindomar Pio Rocha.

Abaixo alguns comentários dos alunos no momento do jogo:

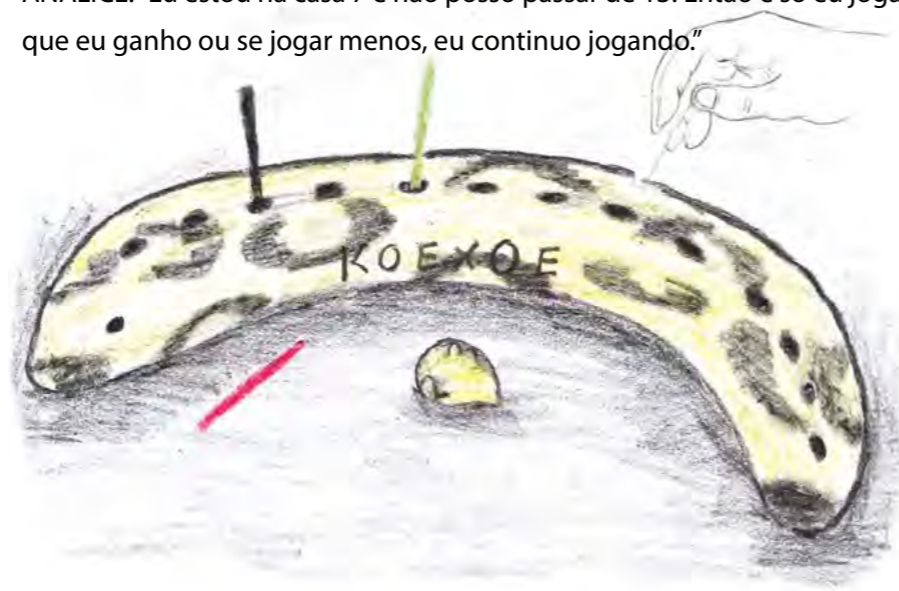
Como são falas, talvez usar o recurso dos balões para o texto ficar mais amigável.

LINDOMAR: “Se eu jogar mais que 3 vou perder o jogo.”

JORGE: “Tenho que tirar 5, se cair menos, ainda estou no jogo, se cair mais eu perco o jogo.”

(Eles perceberam que também tinham que fazer cálculo mental.)

ANALICE: “Eu estou na casa 7 e não posso passar de 13. Então é só eu jogar 6 que eu ganho ou se jogar menos, eu continuo jogando.”



A aula foi muito interessante e, desde então, passei a usar materiais diferenciados para ensinar matemática. Os materiais e jogos apresentados a seguir foram construídos e usados em sala de aula:

*Koexoe e os Algarismos

*Koexoe não mais que 13

*Boliche com os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6

*Unidades e dezenas com sementes

*Zarabatana na matemática

*Potinhos com Algarismos

Koexoe e os Algarismos

Esse material é para que os alunos conheçam os algarismos e suas quantidades. Esses algarismos são móveis para que o aluno construa a sequência, faça a forma decrescente (desde os maiores números até os menores). Esse material é para dar início à matemática.

Koexoe não mais que 13

Um jogo para o aluno fazer contas mentais, usar mentalmente os cálculos, para assim, ele aprender sem se esforçar, de uma maneira lúdica, por meio de um jogo.

Boliche com os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Esse jogo é para ser usado nas contas das quatro operações. Por exemplo, na adição, se o aluno derrubar os números 1, 3 e 4, qual o valor de pontos que obtém somando esses números? O professor pode ainda criar outras regras como:

- somar o número menor com o maior;
- somar os dois menores com o maior.

Enfim, várias formas podem ser colocadas.

Unidades e dezenas com sementes

Essa atividade é para os alunos construírem uma dezena, duas dezenas... com as sementes, é como fazer um colar, só que esse colar terá 10 sementes para ser uma dezena.

Usando as sementes, também se pode trabalhar com conjuntos de 10, 20..., vários conjuntos com elas.

Zarabatana na matemática

Usei a Zarabatana para ensinar na matemática um jeito de explicar o que é 1º, 2º, 3º, ..., colocado.

Cada aluno com zarabatana tentava acertar o alvo que tinha quatro pontos e assim colocamos depois quem foi o primeiro, o segundo e assim por diante.

Potinhos com Algarismos

Esse material é para representar as quantidades dos algarismos, o valor de cada um.

Intercâmbio com outras aldeias Guarani - Projeto Nhandekuary: o saber do nosso povo

Prof^a. Giselda Pires de Lima – Jerá Guarani

A ideia de fazer intercâmbio com outras aldeias de localidades diferentes (entrando em contato com as crianças dessas aldeias que têm vivências diferentes e outras realidades em relação ao meio ambiente, o que influencia diretamente o modo de ser dessas comunidades que são diferentes umas das outras), sempre esteve na roda de conversa entre os professores Guarani de nossa comunidade.

Só que nós tínhamos dificuldades com a questão do dinheiro e nos perguntávamos: “Como ir para essas aldeias e como levar 80 alunos para elas?”

Foi quando, em 2007, surgiu uma oportunidade, abriu um edital do Programa de Aceleração do Crescimento-PAC, do Ministério da Cultura, que sempre abre editais para projetos voltados para o fortalecimento de cultura, tanto de indígena, como de comunidades ribeirinhas, *juruá* (não-indígena).

O edital que abriu naquele ano era bem simples para fazer, e quando eu tive conhecimento disso eu estava na USP ainda (era bem na semana de aula e aí ligaram para mim, avisando). Como a gente sempre conversava na escola sobre o intercâmbio, eu tinha tudo na cabeça, planejado.

Não era necessário apresentar o projeto por meio de uma Associação, podia ser apresentado por pessoa física mesmo, só era necessária a assinatura de alguns representantes de lideranças da aldeia e do cacique. Escrevi lá na Faculdade de Educação da USP e tive a ajuda de algumas pessoas como a Profa. Maria do Carmo - Coordenadora do FISPI - que me ajudou a digitar e a organizar o texto, explicando o que o projeto iria influenciar para a comunidade, para o público, entre outros. Expliquei que a proposta das viagens para outras aldeias tinha como foco central a oportunidade de vivência dos alunos em realidades diferentes e traria para eles a possibilidade da visão para coisas diferentes, para fortalecer alguns aspectos culturais, pois em nossa aldeia não temos mais o meio ambiente como o de antigamente e, para nós do povo Guarani, o meio ambiente

influencia diretamente a maneira de ser. Buscamos escolher então visitar aldeias em que os costumes tradicionais ainda fazem parte do cotidiano. Participaram das viagens os 80 alunos da escola, todos os professores Guarani e os professores não-indígenas se revezavam. Dormíamos sempre na *Opy* (Casa de Reza) meninos de um lado, meninas do outro. A comida nós levamos da escola, só alguns complementos que nós compramos com dinheiro do projeto, que já estava previsto, como açúcar, café, farinha de trigo, fumo, erva-mate. Do que a gente levava de comida, o que sobrava ficava para a comunidade visitada. Para nós, Guarani, visitar uma outra aldeia, uma outra família é sempre muito bom, porque acontece um intercâmbio, podemos rever os parentes, todo mundo tem parente em todas as aldeias. Trocamos algumas coisas, trazemos de lá mandioca e batata. Uma das nossas cozinheiras trouxe do Bracuí até umas galinhas.

Na Aldeia Rio Silveira (Boraceia-SP), planejamos as oficinas de culinária Guarani, as pessoas da aldeia, outras lideranças e idosos falaram sobre a importância da culinária, como se fazia quando tinham em abundância esses alimentos tradicionais de nossa cultura, como conseguiam e cultivavam, quem fazia e como fazia, quem podia e quem não podia comer tais tipos de comida, quais são os princípios para se alimentar de certos tipos de animais da mata, pois existem animais que você não pega simplesmente e come, tem que ter todo um ritual, porque tal animal é sagrado, como o cateto e a paca, por exemplo.

A questão da culinária envolve muitos elementos, é bem ampla e bonita também, e a partir dos alimentos, tocamos em aspectos muito importantes relativos ao nosso modo de ser. Por exemplo, um guarani não pode matar em um ano mais de um animal de porte grande. Nesta viagem, os alunos puderam vivenciar na prática alguns pratos Guarani e entrar em contato com todos esses princípios.

Na Aldeia Peguao-ty em Sete Barras, no vale do Ribeira em São Paulo, trabalhamos o artesanato. No encontro com os sábios, eles contaram que tipo de artesanato é tradicional do nosso povo mesmo, que outros tipos de artesanatos a gente foi introduzindo ao longo do contato com outros povos, o que significa cada peça, quem faz, e também toda aquela sequência: como faz, qual é a matéria-prima, onde pega, quando pega. Eles contaram sobre os elementos de nosso artesanato tradicional, como o chocalho, o arco-e-flecha, o cestinho, e sobre o simbolismo religioso de cada um deles.

Quando *Nhanderu/Deus* mandou nossos espíritos para terra a mulher/menina já veio com uma cestinha (*ajaká*) e o menino com o arco-e-flecha (*gyrapa*). Tratamos dessas questões em Peguaoty e em Rio Silveira, onde além da culinária tradicional, fizemos um estudo sobre a cestaria Guarani.

Escolhemos a Aldeia Bracuí de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, para trabalhar as rodas de histórias, pois lá vive o Xeramöi João da Silva, que tem mais de 90 anos.

Nós, como professores e como Guarani, sabemos que muitas coisas eram ensinadas através de histórias, da contação de histórias, da roda de história tradicional Guarani. Quando na aldeia não tinha TV, não tinha aparelho de som, não tinha energia elétrica, todas as tardes tinha roda de história com avô, avó, pai e mãe, que traziam histórias, que traziam consigo essa questão de educar, de voltar o olhar da criança para uma questão respeitosa, por exemplo, o homem e a natureza. Então nós pensamos: vamos levar as crianças para lá, para fazer uma roda de história, assim podemos gravar e escrever as histórias depois, e então os alunos podem traduzir, eles podem continuar o trabalho.

Visitamos ainda a Aldeia Rio Branco em Itanhaém, São Paulo, para abordar as práticas Guarani de caça e pesca tradicionais. As crianças conheceram todos os tipos de armadilhas Guarani, desde as menores até as maiores. E vivenciaram toda essa concepção do respeito com o animal, que o Guarani não pode ficar matando, não pode entrar na mata sem levar em consideração os princípios de que tem que manter um equilíbrio.

Todas essas atividades foram muito boas para os alunos e constituíram, pensando na escola, numa prática pedagógica muito rica. Além de levar os alunos para vivenciar todas essas questões que fazem parte da cultura, aprendendo algo mais, valorizando mais a nossa própria origem, tivemos também a oportunidade de abordar outras questões mais específicas, como a questão do meio ambiente, a preservação das áreas etc. Os alunos nos trouxeram questões como o tamanho das terras. Foi uma possibilidade para tratar de temas fundamentais e atuais para os povos indígenas. Desta forma, conversamos sobre a política, sobre a terra, sobre a condição do governo, sobre os povos indígenas. Conhecendo outras aldeias, as crianças nos questionaram sobre o porquê de tanta complicação em torno da liberação das terras indígenas.

Outro resultado positivo das visitas foi que os alunos ao visitarem aldeias que

possuem a mata preservada, eles se sentiram motivados/inspirados para cuidar mais da nossa própria aldeia. Desde então, eles se mostram mais atentos e participativos com relação à essa questão e já plantamos juntos mais de 600 pés de palmito.

Foi muito válido esse projeto, como percebemos na fala dos alunos: "Nossa, como é gostoso fazer roda de história..."

Tinham alguns alunos que não se lembravam disso, dessa atividade de roda de história, e uns que nunca tiveram. Hoje em dia pouquíssimas famílias mantêm esse costume. Muitos ainda vão para a Opy (Casa de Reza), mas as rodas de histórias aconteciam em casa, na casa de cada família.

Eles gostaram muito, todas as histórias que o Sr. João da Silva contou, quase a maioria das histórias Guarani tinha alguma coisa para ensinar, para fazer refletir. Coisas que fazem muito sentido, por exemplo, quando a gente se perde na mata tem que dormir no pé de uma certa árvore e tem que tirar um pedacinho da casca da árvore, porque aí nenhuma onça chega, por causa do cheiro dessa árvore. Mas antes disso, ele conta uma história da onça e do *caguaré*, que é o tamanduá. Fizeram um jogo: o *caguaré* ganha da onça, porque ele parte a árvore ao meio e isso faz com que ela se afaste do lugar.

Após as visitas, demos continuidade ao trabalho propondo atividades relacionadas aos temas vivenciados e estamos tendo com frequência atividades de artesanato. Confesso que na maioria delas, acabamos ficando na teoria devido à falta de material, de matéria-prima. Mas depois das viagens, fizemos oficinas de arco-e-flecha, de cestaria, de fazer bichinhos com madeira, na escola; para isso, contamos com a colaboração de um Guarani que veio conosco do Rio Silveira e das pessoas daqui que também sabem fazer. As crianças adoraram, a maioria nunca tinha ido em outras aldeias, nunca tinha nem saído. As atividades voltadas para a cultura Guarani não eram atividades muito além do conhecimento delas. Elas adoraram as rodas de histórias, fazer a cestinha, experimentaram e perceberam que não é tão difícil, que é fácil de aprender.

As meninas gostaram de ver os meninos fazerem armadilhas e queriam fazer também.

Foi tudo muito bom. Tivemos algumas complicações, estava chovendo quando chegamos em algumas aldeias, mas mesmo assim foi muito bom.

As crianças das aldeias que nos receberam participaram todas juntas, a interação foi muito boa e todos os professores (os Guarani e os não-indígenas) falando e sentindo coisas boas.

Depois do retorno na aldeia, elaboramos atividades em cima das viagens, dos relatos, fizemos textos sobre esta vivência. Como eu disse, depois das viagens aconteceram muitas outras atividades na escola, como a ideia de fortalecer a questão de que a gente hoje tem que registrar a nossa cultura no papel, para não se perder. Essa forma nunca fez parte da nossa cultura, mas que hoje a gente precisa pensar dessa maneira, porque a influência do *juruá* é forte, a maioria das famílias já não tem mais essas rodas de história. Com isso, a gente precisa gravar as histórias, para ficar guardada, para servir de consulta aos alunos na escola, qualquer outra pessoa da comunidade. Eu gravei mais histórias aqui, estou escrevendo muitas para editar. Talvez com a viabilidade de um outro projeto, eu consiga editar essas histórias, para todas as escolas. Ocorreram também as atividades com relação ao meio ambiente, que levaram à conscientização de que a gente precisa cuidar do pouquinho que temos, que a gente precisa reflorestar as partes que dá, onde não tem casa, as pequenas partes que ainda têm árvore na aldeia, por isso plantamos bastante palmito.

Com os menores, realizamos atividades de conversação sobre o que acharam da viagem, o que sentiram, como sentiram, se tinham parentes na aldeia, como foi rever esses parentes, qual atividade de que mais gostaram. Os menores fizeram desenhos criando imagens das aldeias que visitamos, com bastante verde, muita árvore, animal, as crianças fazendo artesanato.

Já os maiores relataram a experiência no papel, escreveram as suas impressões. Os alunos até hoje me perguntam: “Quando a gente vai viajar de novo? Para onde a gente vai agora?”

A escola indígena e os saberes tradicionais esquecidos - Guyrapa: o arco-e-flecha Guarani verdadeiro

Prof. Guarani João da Silva Verá Xunu

Quando eu trabalhava na Escola Nhamandu Oua (Caminhar do Sol) na Ilha do Cardoso, chamei meus alunos, os meninos, para contar como se faz o arco-e-flecha. Pensei em ensiná-los a construir o arco-e-flecha na escola, como uma aula. Fomos juntos buscar a madeira na mata, a taquara para as flechas, a fibra da palmeira imbirá para a corda do arco e o cipó-imbé para fazer as amarrações.

Juntos tiramos a primeira camada fina e preparamos o cipó-imbé. A cera de abelha-jataí também foi levada para a escola, ela serve para colar as penas que são amarradas nas flechas para dar uma direção correta. Pegamos também os facões que seriam nossos instrumentos de trabalho.



A ideia desta aula surgiu de uma lembrança de quando eu era criança e adorava acompanhar meu avô na mata e depois tentava copiá-lo nas brincadeiras quando me tornava um verdadeiro caçador Guarani. A partir das minhas andanças pelas aldeias Guarani do Estado de São Paulo, pude perceber que as nossas crianças não brincam mais com arco-e-flecha e não têm mais contato com essa prática que já foi tão importante na nossa cultura tradicional e que até a época de minha infância ainda era presente. Fiquei pensando porque isso estava acontecendo e em como poderia despertar novamente a curiosidade e o interesse das nossas crianças para esses elementos da cultura tradicional que aos poucos estão sendo esquecidos. Por isso, a minha preocupação sobre o

desaparecimento desse costume e a vontade de retomá-lo através da escola. A minha ideia era tentar despertar a curiosidade das crianças, ensinando-as como fazer, como atirar, contando as histórias de caçadas e como eu aprendi a fazer e a atirar, enfim, trazendo para as suas vidas essa sabedoria. Resolvi então pesquisar e registrar conhecimentos sobre o verdadeiro arco-e-flecha Guarani trocando informações com outros professores indígenas e sábios de nossa cultura, buscando formas para se trabalhar com esta tradição dentro da escola indígena. Assim, iniciei entrevistando os mais velhos da aldeia, na época, eu ainda estava morando na Ilha do Cardoso com a minha família e trabalhando na escola da comunidade como professor, foi lá que aconteceu a aula sobre arco-e-flecha.

Lá na Ilha do Cardoso, eu tenho um tio que ainda sabe caçar e pescar com arco-e-flecha, é a única pessoa viva que conheço que sabe realmente usá-lo para caçar. Já o vi pegando peixe, passarinho e até caça com sua pontaria certa.

Uma vez, estávamos no rio, ele mirou e atirou com sua flecha de ponta de metal, o peixe saiu nadando muito rápido e foi para o fundo do rio. Um pouco depois, ele surgiu boiando com a flecha atravessada no meio de seu corpo. Foi impressionante, é muito difícil acertar a pontaria da flecha em um peixe, pois além dele ser rápido, a água desvia a nossa visão.

Quem vê, pensa até que é fácil, mas a coisa mais difícil é usar o arco-e-flecha. Por isso, esta prática sempre fez parte de nossa educação tradicional Guarani, era um hábito comum os meninos brincarem desde pequenos e acompanharem os mais velhos nas caçadas para aprender. Mas como hoje não há mais quase o quê caçar, e a nossa relação com a natureza vem se modificando a cada dia com a demarcação das terras indígenas e com o contato com a cultura não-indígena, nossos hábitos estão mudando e não temos mais praticado com o arco-e-flecha, pois ele não tem mais utilidade em nossas vidas como antigamente e, em muitos casos, foi substituído pela espingarda. Por isso, as crianças não têm mais modelos, desde que nascem, só conhecem o arco-e-flecha feito para vender como artesanato, e não brincam com ele, pois nunca viram ninguém usando, não faz parte de suas vidas.

Mesmo meu tio da Cananeia, que ainda detém esse conhecimento não pratica, pois precisa trabalhar e alimentar a sua família. Ele passa o dia na roça,

por isso não sobra tempo para que ele possa ensinar as crianças. Desta forma, a nossa cultura vai se perdendo, vai sendo esquecida...

Eu cresci vendo meu avô Atanásio caçar, ele tinha um arco-e-flecha trazido da Argentina. Quando ele me ensinou a fazer o arco-e-flecha verdadeiro, desde a escolha, retirada e preparo da madeira até a construção, ele me contava também as histórias de caçadas e me mostrava como atirar; e é esse conhecimento que eu passei aos meus alunos.

Aqui em São Paulo não existe a madeira certa para se fazer o arco-e-flecha verdadeiro, isto é, o que serve para caçar mesmo. Com a madeira que encontramos aqui, podemos construir o arco-e-flecha para as crianças brincarem e treinarem e também o arco-e-flecha para vender como artesanato, mas para se caçar é necessário o uso de uma madeira mais resistente. Não foi possível encontrar a madeira específica nas aldeias próximas à capital de São Paulo, pois na maior parte das vezes, estas árvores são encontradas na Argentina, no Rio Grande do Sul e no Paraná.

Assim, mesmo não tendo a madeira correta, resolvi construir um arco-e-flecha como o verdadeiro, da maneira como aprendi com meu avô, para ensinar aos meus alunos da escola da Ilha do Cardoso e numa segunda oportunidade, construí um na aldeia de Aguapeú (Mongaguá - SP) para registrar na pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Formação de Professores (FISPI).

Durante o tempo em que estive trabalhando na construção do arco-e-flecha, as crianças paravam para olhar e algumas pediam para ajudar, mexiam no material e quando fomos fotografar as posições para atirar, alguns meninos ficaram em volta me imitando. Percebi neste momento que a minha escolha fazia sentido, essas crianças, meus alunos da Ilha do Cardoso e as crianças da aldeia Guarani Aguapeú, mostraram-me que, se tiverem estímulo, podem facilmente entrar em contato com os costumes tradicionais que por vários motivos estão se perdendo. Por isso, ficou clara para mim a responsabilidade que temos em pesquisar cada vez mais e de criar formas para retomar e valorizar também através da escola a nossa cultura, já que em muitos casos as práticas nos contextos tradicionais não estão mais acontecendo.

Montagem do arco-e-flecha

Primeiro, nós fomos cortar a árvore (guyrapa ju) com o facão, ela tem que ser cortada na lua minguante.

Começamos a preparar a madeira colocando o pedaço inteiro no sol para secar. Enquanto a madeira ficou secando durante dois ou três dias, fomos pegar no mato o cipó-imbé e prepará-lo.

Em seguida, trouxemos a fibra da palmeira imbira, que antes de secar é trançada para fazer a corda do arco.



Trançando a imbira para fazer a corda do arco



Aparando a imbira



Fazendo a emenda da imbira, pois a corda ficou curta para o arco



Medindo a corda no arco



Amarrando a corda no arco

Pegamos então, a madeira que estava secando e preparamos a flecha (em Aguapeú, as flechas foram construídas com taquara).

Antigamente tínhamos apenas três tipos de flechas:

- Guyrapia (somente para matar passarinho),
- Kuarepoxi e hu'yaxí (para usar em caças maiores e peixes, com ponta de metal),
- Takuape (também para caça grande, com ponta de madeira)



Flecha Guyrapia para caçar passarinhos



Flecha Hu'yaxí de madeira



Flecha Takuape para caça grande

Para a montagem da flecha colocamos duas penas de ave para que a flecha siga na direção certa e acerte o alvo. Antigamente era mais usada a pena de Jacu, hoje usamos penas de qualquer ave.

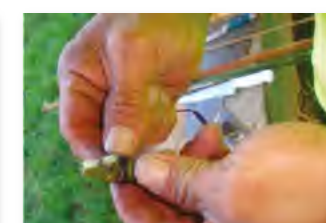
Mas antes de colocar as penas, passamos a cera de abelha nelas para colar. Para ficar bem colada, esquentamos no fogo a cera de abelha-jataí e depois amarramos as penas na flecha usando o cipó-imbé.



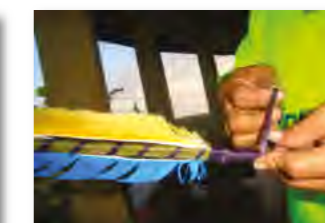
Cera de abelha



A cera é passada na flecha para fixar as penas e o cipó-imbé



Pena preparada para flecha, um dos lados é cortado

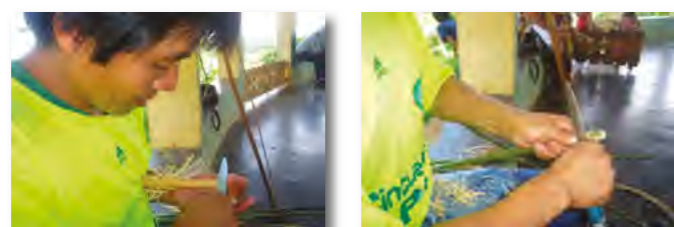
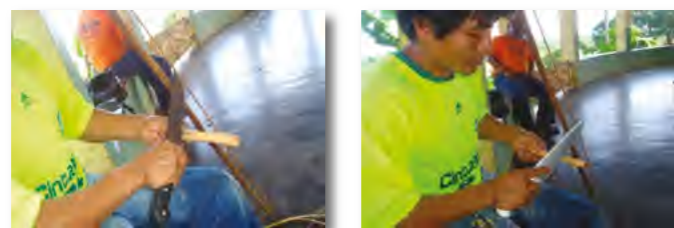


As duas penas são fixadas com cera de abelha para colar e cipó-imbé para amarrar

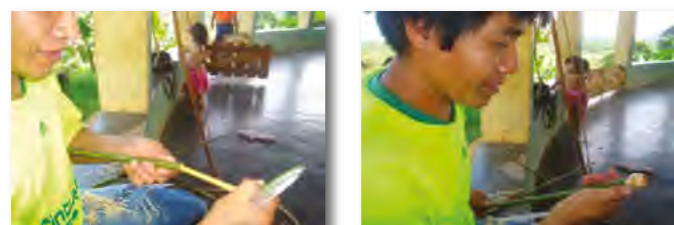
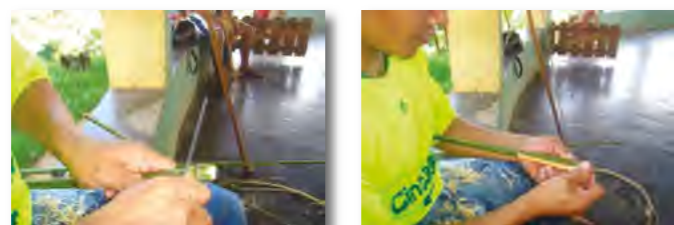


Preparamos as pontas com o facão, que tradicionalmente são feitas em separado do corpo da flecha, e também são coladas e amarradas com cipó-imbé.

Em algumas aldeias Guarani, as pontas são fixadas e trocadas de acordo com o tipo de caça, segundo depoimento do Prof. Valmir Macena Lima da aldeia Tenondé Porã -SP.



Preparação das pontas



Preperando a taquara para o encaixe da ponta

A partir dessa experiência com as crianças, na qual inicialmente elas aprenderam a identificar cada material na mata, como coletá-lo e também sobre a época certa de retirar a madeira e em seguida construir o arco-e-flecha, pedi que eles experimentassem fazer e eles conseguiram cumprir essa tarefa.

Depois de pronto, eles já começaram a brincar no terreiro da escola e após brincarem bastante, voltaram para a sala de aula e perguntaram:

– O arco-e-flecha grande é somente usado por adultos ou pode ser usado por crianças também?

Eu respondi que também pode ser usado por criança, depende da habilidade de quem o usa. Foi então que conversamos sobre a prática do arco-e-flecha e assim, eu ensinei as crianças a usá-lo, para que elas pratiquem corretamente. É preciso ter concentração, equilíbrio e mirar bem no alvo, mas não deve mirar por muito tempo, senão perde a concentração.



Antigamente os pais ensinavam os filhos a ter concentração, posição correta e a calcular a distância. Para usar o arco-e-flecha, tem que calcular quantos metros tem até o alvo, para esticar a corda do arco de acordo com a distância. A posição das pernas também é muito importante, primeiro os joelhos ficam dobrados para dar o impulso, e no momento em que a flecha é atirada, elas se esticam.

O mesmo ocorre com a posição das mãos no arco-e-flecha, enquanto a mira está sendo feita e os joelhos estão dobrados, o dedo indicador da mão que segura o arco firma a flecha passando sobre ela. No momento de atirar, quando a corda é esticada ao máximo, este indicador solta a flecha e os joelhos se esticam.

A mira deve ser feita abaixo do alvo, pois com o impulso, acontece um rebote e a flecha acaba subindo.

As crianças quiseram experimentar e enquanto se alternavam experimentando armar e manusear o arco-e-flecha da maneira como expliquei, aproveitei também para contar sobre os tipos de flechas e suas funções:

Com a “*guyrapia*”, nós matávamos nambu, uru, tucano, jacu e os pássaros.

A “*hu’yaxi*” (com ponta de madeira) e “*kuarepoxi*” (com a ponta de metal), já eram usadas para matar as caças maiores, como a anta, cateto (porco-do-mato), capivara, quati, por exemplo e os peixes com a *takuapé*.

Contei também para eles que, segundo os mais velhos, algumas destas caças como o porco-do-mato (cateto) e a paca devem ser muito respeitados, pois são considerados animais sagrados e por isso, antes de sair para caçar é preciso consultar o *Xeramõi (líder espiritual)*. Pensei em levar as crianças na Opy (Casa de Reza) para ouvir diretamente do *Xeramõi* esses ensinamentos, mas na época não foi possível, pois nossa Opy estava sendo reconstruída, por isso, puxei da memória o que aprendi com meu avô e compartilhei com eles.

Propus para as crianças que pesquisassem em suas casas, com seus familiares histórias sobre o arco-e-flecha, caças e caçadas, e então conversamos sobre a origem do *guyrapa* para o povo Guarani: de acordo com as nossas crenças o arco-e-flecha já existia há milhares de anos. Contei a eles que quando *Nhanderu (Nosso Pai)* criou o mundo e os seres, criou também o arco-e-flecha; eles ficaram interessados e então lembrei da história que ouvia de meu avô sobre a origem do arco-e-flecha. Ele dizia que quando *Nhanderu* criou o céu e a terra e os seres, a madeira já era destinada para fazer o arco-e-flecha. As crianças ouviram atentas à história e então perguntaram se a madeira *guyrapaju*, que estávamos usando, é própria para construir o arco-e-flecha. Respondi que a *guyrapaju* é somente para fazer arco-e-flecha para as crianças brincarem e treinarem. O nome da madeira que nós usávamos para fazer o arco-e-flecha era *yvyra petai*, cujo nome em português é alecrim, e a outra é *guajayvi*, a guajuvira, cujas árvores só encontramos nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Elas têm a madeira resistente e sagrada, por isso, o arco-e-flecha Guarani verdadeiro construído para caçar é feito somente com essas árvores.

A *guyrapaju* não é tão resistente e sua madeira não é considerada boa para fazer o arco-e-flecha verdadeiro, só para brincar e treinar.

Durante a conversa, falei às crianças sobre os hábitos e rituais que envolvem as caçadas, como por exemplo, quando levamos a madeira, depois do processo de preparação, para a Opy (Casa de Reza) para o *Xeramõi* (pajé) benzer.

No tempo dos nossos antepassados, o arco-e-flecha era usado para caçar animais para comer, mas também matavam animais predadores (como onça e outros animais que atacam) e quando não estava em uso, ficava sem a corda. No momento de sair para a caçada na mata, tínhamos que consultar a corda do arco amarrando-a bem esticada e se ela afrouxasse umas duas ou três vezes, era um sinal indicando que o dia não era propício para caçar.

Os alunos demonstraram curiosidade sobre as caças e ao falar sobre a época certa de caçar tiveram uma lição sobre o respeito ao meio ambiente, que é uma preocupação milenar para nós, indígenas. Elas perguntaram qual era a época certa de caçar e por quê.

Expliquei que é do mês de fevereiro até o final de julho, pois a partir deste mês, não devemos caçar os bichinhos que estão em reprodução e por isso, nós devemos respeitar a lei da natureza para não nos faltar a caça nova. Nestes meses de reprodução dos animais, se precisarmos de carne ou mistura, nós pescamos ou comemos galinha.

Foi assim que eu trabalhei com as crianças em sala de aula. Enquanto eu mostrei a parte prática, como construir e como utilizar, buscamos e identificamos juntos na natureza os materiais necessários e fui também respondendo as perguntas e contando as histórias e costumes de nossa cultura tradicional, pois a construção é bem lenta. Por isso, essa aula aconteceu dentro e fora da sala de aula, e depois as crianças experimentaram construir sozinhas. Em seguida, pedi aos maiores para registrar em seus cadernos como se escreve arco-e-flecha em português e em Guarani e fizemos a lista dos materiais utilizados; e para as crianças menores pedi para criarem um desenho. Eles ficaram tão contentes, que no dia seguinte, pediram para trabalhar novamente com o tema.

Ensinando a confeccionar o artesanato Guarani

Prof. Guarani João Lira da Silva

Nós, indígenas Guarani, produzimos o artesanato como alternativa de renda e para expressar os nossos valores. Todos os objetos produzidos artesanalmente vinculam-se a fatores religiosos, políticos e sociais.

Esses valores estavam adormecidos por todos da aldeia devido a vários fatores, como: não existe uma mata densa ao redor, estamos rodeados de pastagens, o material utilizado na produção de arco-e-flecha é difícil de ser encontrado.

Em conversa com a comunidade, chegamos a conclusão de mudar nossa metodologia de ensino. O difícil seria buscar o correto, decidimos buscar em nossos antepassados a inspiração para essa mudança. Houve uma votação e o tema escolhido foi: Ensinar o artesanato através de nossas aulas.

O artesanato faz parte da cultura Guarani Mbya, pois nossos ancestrais utilizavam artefatos para a sobrevivência, como caçar e pescar; e utilizaram cestas para carregar sementes ou crianças. A base da educação sempre foi o artesanato, as crianças observavam os pais, enquanto faziam o arco e a flecha e cestos, aprendendo na maioria das vezes sozinhos, os pais pouco interferiam.

Todas as crianças tinham o momento de brincar, muitas vezes iniciavam a confecção de um arco, mas se algo chamasse sua atenção, largavam imediatamente o que estavam fazendo. A criança era educada de acordo com o seu ritmo de aprendizagem sem forçar o seu aprendizado.

Material utilizado para a tarefa

Usamos o seguinte material: taquara, embira, madeira, papel sulfite, cola, lápis de cor e cadernos.

Objetivos

- Estimular as crianças a construção dos artesanatos;
- Identificar a relação entre a aprendizagem e a construção desse artesanato.

Metodologia

Houve o envolvimento do vice-diretor da Escola da Aldeia Uruity, das crianças da escola e a comunidade. No primeiro momento, uma pessoa da comunidade da aldeia retira o material usado na mata, para a construção das cestas: a taquara e a embira, de onde são retiradas as fibras sem haver a derrubada, respeitando as fases da lua, para não criar brocas no artesanato. Após esse momento, houve o desenvolvimento do projeto em três etapas:

- Limpeza do material (taquara, madeira e cipó-imbé); o sábio colaborador ensina a todos como limpar o material, passo a passo, para que todos os envolvidos possam acompanhá-lo.

- Pronto o artesanato, iniciam-se as explicações das simetrias que aparecem em diferentes artesanatos, a seguir, são explicadas as regras de quantidade exatas de tiras de taquaras para os traçados, pois esses devem apresentar formas de quadrado ou formas mais sofisticadas. (As meninas escolheram fazer a cestas e os meninos o arco-e-flecha).

- Há necessidade de enfeitar com penas e outros elementos. As crianças envolveram-se juntamente com a comunidade nessa confecção.

O projeto foi interdisciplinar envolvendo todas as disciplinas, mas tendo como disciplina principal a de Artes, através da confecção do artesanato e dos desenhos. Em Língua Portuguesa, houve a elaboração de textos e a tradução para a Língua Materna. Em Geografia, o mapeamento da região de onde foi retirado o material. Na disciplina de História, a história do nosso povo. Em Matemática, a simetria, formas geométricas, situações-problemas, as quatro operações. Em Ciências, o estudo do meio-ambiente.

Avaliação

A avaliação foi realizada através dos trabalhos e registros executados pelas crianças. O resultado esperado foi satisfatório.

Autoavaliação

Foi um projeto que trouxe muita satisfação, para trabalhar todas as disciplinas, através de um tema de relevante importância: o artesanato. O desenvolver no dia-a-dia e a busca de novas técnicas enriqueceram a todos nós na aldeia.

Vivenciando minhas memórias – memórias dos moradores da aldeia Piaçaguera

Prof^a.Tupi-Guarani Mirian Dina dos Santos Oliveira

Prof^a.Tupi-Guarani Lenira Dina de Oliveira

Sequência didática da proposta realizada em sala de aula – relato de Nhandetsy.

No ano de 2007, estava previsto em nosso planejamento que todas as sextas-feiras reuniríamos todas as turmas para uma aula coletiva. Em uma dessas aulas, resolvemos convidar a *Nhandetsy Antonia* para contar as suas memórias de infância.

No primeiro momento, reunimos as crianças e logo depois formamos uma grande roda, como de costume, para cantar músicas infantis traduzidas para o Tupi-Guarani, bem como cantigas de roda.

Em seguida, na mesma formação em roda, a professora explicou a rotina do dia e informou que receberíamos a visita da *Nhandetsy Antonia*, que iria nos contar como foi a sua infância.

A seguir, deslocamo-nos até a Casa de Cultura, local bem próximo à escola. Ficamos bem à vontade, sentamos no chão para ouvir as memórias, conforme havia dito às crianças, *Nhandetsy kunhã djupιά* é quem contaria as suas histórias.

Assim começou mais uma aula na Escola Indígena Piaçaguera.

- *Ary porã mitangwé upé!* Vou contar a vocês um pouquinho da minha infância, que era muito diferente da infância de vocês hoje.

- Então, *mitangwé*, quando *txerú* conheceu os homens brancos, eles ensinaram muitas coisas para ele e o nomearam capitão da Aldeia Bananal, onde morávamos, sendo assim, só ele podia ir até as cidades trocar mercadorias.



Dierodiva



Kainã Katu Mirin



Daniel



Silmara Kunhã Porã

Conhecemos então outra cultura, pois meu pai viajava com a sua família. Viajávamos pela linha do trem, essa que ainda passa na nossa aldeia. Os brancos a chamavam de 77, e nós *nhandewa* a chamávamos de *tanigwá*.

Da aldeia até a estação, íamos a pé pela mata, pegávamos o trem e partíamos para São Paulo. Lá *txerú* arrumava muitas coisas, trazia até a estação, onde os cavalos já estavam esperando para carregar as coisas. Mas nós retornávamos a pé novamente.

Demorávamos alguns dias para chegar à aldeia, só me lembro que amanhecia e anoitecia e *txerú* entrava no mato para cortar folhas de coqueiro para fazer cabaninha, para nós *mitangwé* e *txetsy* dormir.

Tinha eu, minhas irmãs, *Kunhã Djú*, *Kunhã Nimbogwerá*, e meus irmãos mais velhos, *Rekopandjú* e *Djitsapeá Guairá*, que ajudavam meu pai a vigiar a noite inteira, pois havia muitos bichos no mato: *mboi*, *nhandú*, *tadjatsú* e *djagwareté*, o mais perigoso de todos.

Uma fogueira ficava acesa a noite inteira para nos proteger.

Quando amanhecia, continuávamos a viagem, passávamos por uma cachoeira que se chamava *pirakwára*, bebíamos água, tomávamos banho e assávamos alguma coisa para comer. Continuávamos então até chegar à aldeia. Chegando, descansávamos um pouco na casinha do tio Cacau, seguíamos depois; enfim, chegávamos em nossa casinha de pau-a-pique e sapê. Corríamos logo para nossa tarimbina, como se fosse uma cama feita de pauzinho para descansar os nossos pés. Vivemos assim por muito tempo.

E assim, *nhanderegwá* (nossos parentes) ficavam felizes com as coisas que *txerú* (meu pai) trazia.

Glossário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
Ary	dia
Porã	bom, bonito
Mitangwé upé	todas as crianças
Nhandetsy	peessoa mais velha considerada
Kunhã djupιά	nome de mulher
Txerú	meu pai
Nhandewa	indígena
Tanigwá	nome do caminho
Txetsy	minha mãe
Kunhã Djú, Kunhã Nimbogwerá, Rekopandjú, Djitsapeá Guairá	nomes de pessoas
Mboi	cobra
Nhandu	aranha
Tadjatsu	porco-do-mato
Djagwareté	onça
Nhanderegwá	nosso parentes

Após o relato, as crianças fizeram várias perguntas e *Nhandetsy* respondeu atenciosamente cada uma delas.

Depois do intervalo, já na escola, refizemos uma roda de carteiras no pátio e pedimos às crianças que se lembrassem das histórias há pouco contadas e, a partir disso, elaborassem algumas ilustrações. Elas receberam essa atividade com muito entusiasmo. O resultado foi uma série de lindos desenhos, através dos quais pudemos avaliar o quanto elas conseguiram reter dos relatos, além do desempenho lúdico-artístico. Despedimo-nos da *Nhandetsy* com uma brincadeira de roda aprendida na USP, o OIEPO.

Sequência didática da proposta realizada em sala de aula – história “caça ao porco-do-mato”

No início, seguimos a mesma rotina programada para as sextas-feiras. Logo depois, contamos aos alunos a história “Caça ao porco-do-mato”.

Caça ao porco-do-mato

Em um dia chuvoso, Tataendy e Werá resolveram caçar, também levaram seus cachorros caçadores. Andavam pela mata até que mais adiante os cachorros acuraram algo, os caçadores correram para ver o que era. Chegando lá, encontraram seu pai e o seu tio, que já estavam perto da caça acuada. Era um grande tadjatsu que foi abatido por eles. O pai dos dois pediu que levassem a caça para a aldeia, que eles continuariam no mato.



Tataendy carregou o enorme tadjatsu nas costas; às vezes, Werá também carregava. Quando estavam quase chegando à saída da mata, Tataendy percebeu que havia rastro fresco de mais uma

manada. Como era dia de caçada, quanto mais caça levasse era melhor. Depararam-se, então, com outro tadjatsu e resolveram matá-lo também.

Mas, de repente, Werá percebeu que ele estava bravo demais e batendo os dentes; continuaram a persegui-lo, mas o perderam de vista. Voltando para a picada, ouviram um barulho estranho e foram ver o que era.



Encontraram dois filhotinhos e perceberam que na verdade o que perseguiam era um tadjatsu fêmea que, assustada, fugiu, deixando para trás seus filhotes.

Quando Tataendy foi pegá-los, de tanto medo, os filhotes abaixaram e se deitaram no chão. Werá levou um e Tataendy levou o outro. Com muito esforço, conseguiram chegar à aldeia. Os filhotes acostumaram-se rapidamente, não desgrudavam mais dos dois e passaram a fazer parte da família.

Glossário

TUPI-GUARANI	PORTUGUÊS
Tadjatsu	porco-do-mato

Após lhes contar essa história, pedimos aos alunos que desenhassem caprichosamente algumas cenas relacionadas à narrativa ouvida.

Exploramos o texto, perguntando se conheciam os indiozinhos da história; também abordamos didaticamente a língua indígena por meio de perguntas feitas oralmente e depois por escrito, na lousa.

A seguir, revelamos que se tratava de uma história real e que eles conheciam os indiozinhos citados na história, inclusive onde eles moravam, aliás, bem perto da própria escola.

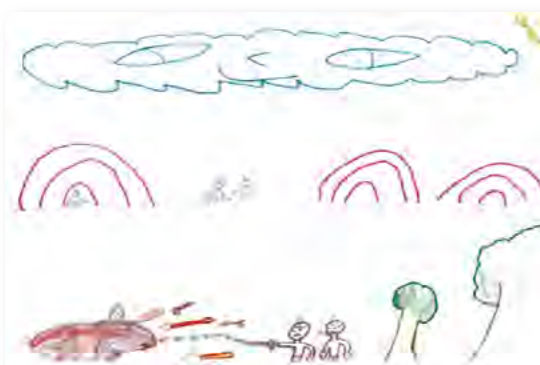
As ilustrações abaixo foram feitas pelos alunos durante esta sequência didática.



Kainã Katu Mirin



Robson Awá Morontin



Gabriel Awá Atxá



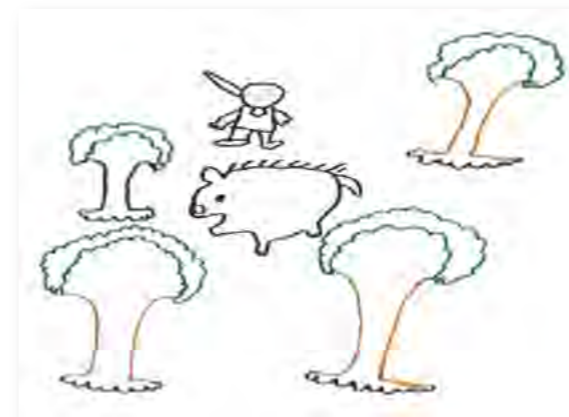
Sheila Kunhã Gwedjya



Lucinéia



Felipe Awã



Felipe Awã



Lucimara



Aline



Aline



Heberth

Nosso objetivo através dessas aulas foi resgatar histórias pessoais e coletivas que fazem parte do repertório dos mais velhos, moradores da aldeia Piaçaguera.

Consideramos essas aulas muito importantes, pois por meio delas podemos reviver, junto com os alunos, momentos históricos e pessoais vivenciados pela comunidade em geral, e, assim, fortalecemos a memória cultural e a identidade do nosso povo Tupi-Guarani. Sabemos que através deste trabalho não teremos a sorte de trazer de volta toda uma história. Entretanto, é nossa intenção fortalecer cada vez mais o pouco que resgatamos, relatando esses depoimentos a nossos alunos, filhos, netos, bisnetos...

As memórias são de suma importância para fortalecer, dentro de cada um, o entusiasmo por fatos marcantes e inesquecíveis de vidas, resgatando para todos (leitores e ouvintes) acontecimentos históricos que não pudemos presenciar, sendo eles verdadeiros testemunhos que contribuem para o não esquecimento, para a educação, para a cultura e para o fortalecimento da nossa identidade.

Através destas memórias, poderemos estimular algumas práticas culturais que há muito já estão adormecidas.

Este trabalho resultou na oportunidade de podermos refletir sobre o futuro de nossas crianças com relação à cultura. Além disso, percebemos o quão valioso é registrarmos as riquezas ainda existentes nas memórias, não só para o nosso próprio benefício, mas também para dialogarmos com as outras etnias.

A nosso ver, ao fortalecer a nossa cultura, garantimos o futuro das escolas indígenas. Iniciamos o trabalho como estudantes-professoras e terminamos como guardiãs de algumas memórias do nosso povo.

O relato da vivência da construção do monde com as crianças da Escola Estadual Indígena Aguapeú



E. E. I. Aldeia Agapeú

Prof. Guarani Marcilio Mariope

Tive a ideia de ensinar às crianças a construir um *monde*, tipo de armadilha tradicional Guarani, em idioma Guarani Mbya e *mundéu*, em português.

Primeiro conversei com as crianças e expliquei o que era um *monde*. Perguntei se elas já tinham visto um. Só meu neto

Josias disse que conhecia esta armadilha. Seu pai, Davi, havia mostrado para ele. As outras crianças já tinham escutado o nome *monde*, porém nunca tinham visto um!

Perguntei se elas tinham a curiosidade de construir um *monde*, e elas animadamente disseram que sim! Chamei meu filho Osmar de Castro, de 20 anos, para produzir um *monde*, com as crianças e ele aceitou.

Depois que terminamos a conversa, todos saíram acompanhados do Osmar, estavam todas as crianças maiores, mas para acompanhar o Osmar foram só os meninos – a caça é uma atividade masculina. As meninas ficaram carpindo ao redor da escola para preparar o plantio do milho – uma atividade para ambos os sexos, contudo, neste dia ficaram só as meninas acompanhadas de minha esposa Angelina Gabriel Castro.

Como o meu filho sabe construir um *monde*, só fiquei supervisionando. No final da elaboração do *monde*, dei algumas dicas sobre como colocar a forquilha do jeito certo para que a armadilha ficasse firme.

As crianças estavam bem dispostas e ajudavam a trazer madeiras para fazer o cercado do *monde*. Cortaram banana para servir de isca e observaram bastante.

No final da manhã, a atividade foi concluída e dissemos que dali a alguns dias um bicho ficaria preso. Aqui em *Aguapeú* há diversos animais, como *inambu-guaçu* (macucos), *jacupé* (jacus), *tukã* (tucanos), *tay'tetú* (catetos), *xingyré* (tatus), *jaixa* (pacas), *akuxi* (cotias), *ka'í* (macacos), *tejú* (lagartos), *mbyku* (gambás), entre outros.

Não capturamos nenhum animal.

Senti satisfação e estou disponível para ensinar para quem quiser aprender. Alguns colegas sabem que sei como se faz um *monde* e me pedem explicações. Eles querem inclusive me visitar para aprender e eu gosto de mostrar o que sei. É assim que funciona: quando alguém quer aprender tem que se ensinar!

A seguir, nas próximas páginas, apresento a aula de *monde*. Neste caso, foi construído um *mondepi*, uma pequena armadilha para aves, chamada de quebra-pescoço no Paraná.

MUNDÉU

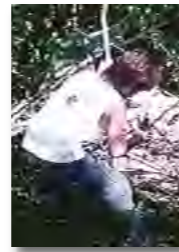
Descrição ilustrada da vivência da construção desta armadilha com as crianças da E.E.I. Aldeia Aguapeú.



Oeka ojapo aguã mondepi
Procurando um local para a armadilha (mondepi)



Ojou ma ojapo aguã mondepi
O local encontrado para construir a armadilha



Omoatyrô yvy ojapo aguã mondepi
Preparando o terreno



Ka'aguy
Cortando cipó na mata



Yvyra ojaya ojapo aguã mondepi
Um dos alunos cortou uma madeira para produzir o mondepi



Ijykerã guive ojaya
Cortando mais madeira



Mondepi rã guive ojaya
Todos os meninos estão participando



Mondepi rã ogueraa
Todos levam o material para o local



Ojapo tama
Começando a armar



Omoi Hakamby va'é mbyte py
Colocando a forquilha no meio da armadilha



Ha'era mo petei kunumi oiptyvô
Um dos meninos se pôs a ajudar



Omboi okuapy pakova
Está tirando a banana

Desdobramentos

Roiko mba'emo rupiá rojapoa arupi ramo kyringue oguerovy'a ha'e amboae ju rojapo aguã he'i.

A vivência da armadilha deixou meus aluninhos muito motivados a efetuar novas construções.

Ore ro'anga mavoi rojapo aguã monde. Rombo'a aguã vixo tuvixa va'e, xivi. Ha'e ramigua hora romarka va'e ndojavyi ovae mba ma, mba'emo rojapo aguã.

No dia combinado para confeccionarmos o monde tradicional, que serve para capturar animais de grande porte como a onça, todos chegaram prontamente no horário marcado após as aulas.

Amboaty pa kyringue ajopy kyxe guaxu oro rojaya bambu takua ijyke rã, há'e rogeru pa opamba'e rojapo aguã monde.

Reuni as crianças, peguei meu facão e fomos cortar bambus e taquaras, material básico para a construção da armadilha.





Aipoa'e kyingue petei ke jajou yvyra haygue tuvixa va'e ha'e. Bambu takua ipuku kue ha'evy ra ha'eve nhambo'a aguã vixo tuvixa va'e. Nhande xorte vyma nhambo'ara koxi.

Disse para as crianças que precisaríamos de uma tora de madeira, bambus e taquaras bem compridas já que pretendemos capturar um animal grande. Se tivéssemos sorte poderíamos capturar um porco-do-mato.



Kyingue ma xepytyvo opapeve.

As crianças colaboraram com bastante prontidão em todas as etapas.

Mbyte peve ma rojapo: monde ra, takua rogueru pa ma.

Estamos na metade do trabalho: a tora de madeira, os bambus e as taquaras já foram fixados.



Xee ajopy kyxe guaxu re.

Fiquei responsável pelo manuseio do facão

Ajapo, ha'egui ma apytu'u amombe'u - mbe'u aguã, aexa huka, mba'exa ojokua aguã ha'ejavi.

A cada etapa parava para dar explicações aos aluninhos, mostrando que era preciso verificar as amarrações, entre outros detalhes.

Ha'e javi monde rojapoa mokoi hora py randa'u opa.

Todo o trabalho durou aproximadamente duas horas.



Monde tuvixa va'e, ta'ytetu ho'a aguã va'e ajapo.

A armadilha ficou suficientemente grande para capturamos um cateto, animal existente no território de nossa aldeia.

Opama monde. Ajapo ka'aguyre rovy'a vaipa.

O monde está pronto. Foi construído no meio da mata e ficamos muito orgulhosos do resultado.



Tambeo: vestimenta tradicional do povo Guarani - uma experiência em sala de aula

Prof^a. Guarani Marinalva Kerexu Paraguassu

Depois de três anos em sala de aula com crianças Guarani – de Ciclo Inicial – Educação Infantil e como vice-diretora da E.E.I. Aldeia Boa Vista, município de Ubatuba, decidi desenvolver com meus alunos uma sequência de atividades sobre as vestimentas tradicionais dos Guarani Mbya. Esse tema começou a chamar minha atenção quando, ao observar e conversar com os mais velhos de minha aldeia, percebi que muitas pessoas da comunidade já não se lembravam mais dos materiais utilizados e da confecção dessas roupas e acessórios.

As vestimentas constituem um dos elementos que revelam a cultura de um povo e sempre tive o desejo de desenvolver atividades que oferecessem para as crianças a possibilidade de entrar em contato com aspectos da cultura Guarani Mbya.

Desenvolvi uma sequência didática partindo de certas questões:

- Quais eram as roupas e adornos de corpo tradicionais dos Guarani?
- Como eram essas peças?
- Havia peças utilizadas exclusivamente por homens?
- Havia peças utilizadas exclusivamente por mulheres?
- Em que momentos essas peças eram utilizadas: no dia-a-dia ou em alguma cerimônia específica?

Para fazer a sequência didática sobre as vestimentas tradicionais, foi convidado o Sr. Pedro Fernandes para falar das vestimentas e dos adornos que também faziam parte do conjunto. Após sua apresentação, foram realizadas algumas atividades em sala de aula com base no tema proposto.

Na sala de aula, as crianças foram orientadas a prestar atenção ao que Pedro ia falar. No primeiro momento, as crianças fizeram muitas perguntas, queriam saber o que ele estava fazendo com os adornos na sala. Ele é um dos mais velhos da aldeia que ainda utiliza estes adornos tradicionais.

Logo, Pedro começou a falar sobre a importância dos adornos e do que eram feitos. Comentou também que os adornos faziam parte da cultura. Alguns eram de enfeite e outros serviam para proteger dos espíritos. Um dos adornos de proteção é feito de semente de Nossa Senhora, que é chamada de *kapi'ia* e *yvaũ*.

Ele também falou da pintura corporal, como o uso das pinturas que eram feitas de urucum. A cor vermelha é usada para os homens e a cera de abelha para as mulheres. Sobre as vestimentas, explicou que eram usadas para cobrir o corpo, eram feitas de fibra de *imbira*: tiravam a casca da árvore em tiras e depois as fibras.

A partir das explicações, as crianças fizeram cinco atividades de ilustrações:

- 1) desenharam a tanga (*tambeo*) no papel sulfite, por meio de pinturas com lápis de cor;
- 2) ilustraram com massinha de modelar, fizeram o tambeo na folha de sulfite apoiada no chão;
- 3) confeccionaram o *tambeo* com barbante;
- 4) pintaram aquarelas;
- 5) trabalharam com recortes – recortaram papel formando um *tambeo*, coloriram e utilizaram papel colorido.

Ao começarem as atividades, as crianças ficaram curiosas e ansiosas.

Vivência

Para a elaboração do estudo sobre as vestimentas tradicionais, foi convidado o Sr. Pedro Fernandes, que também é morador da aldeia Boa Vista, não-casado e pai de seis filhos. Não estudou em escola, mas fala fluentemente a língua Guarani. Sua função na aldeia é a de curandeiro e a atividade que mais gosta de realizar é ensinar a dança dos guerreiros para as crianças.



Pedro Fernandes conversando com as crianças



Tambeo trazido por Pedro Fernandes



Instrumentos de defesa trazidos por Pedro Fernandes



O trabalho na sala de aula: passos da sequência didática

Atividade 1: Desenho

Descrição: Desenho do tambeo pela crianças após a apresentação de Pedro;

Materiais: Lápis de cor e papel sulfite;

Preparação: Os alunos realizaram individualmente a atividade com base na fala do convidado Pedro. O objetivo era representar no papel a vestimenta tradicional.

Varição proposta: A atividade pode ser realizada também com urucum (vermelho) e fruto da palmeira (roxo), desde que o material natural esteja na época certa. Devem estar maduros.



Atividade 2: Massinha

Descrição: Modelagem do tambeo com massinha.

Materiais: Massa de modelar de diversas cores.

Preparação: Sentadas no chão, as crianças fizeram o tambeo na folha de sulfite.



Atividade 3: Confeção do tambeo com barbante

Descrição: Confeção do tambeo com barbante, fazendo uma franjinha. O objetivo era lembrar o tema, estimular a memória e ainda preparar uma exposição com os trabalhos na parede da sala, dispostos como um mural.

Materiais: Papel sulfite, cola, tesoura, barbante, lápis de cor.

Preparação: Distribuição do papel, lápis de cor e barbante já cortado. Enquanto as crianças pintavam o papel, o barbante foi preparado.

Varição proposta: O papel pode ser substituído por pano. A pintura pode ser realizada com urucum.



Atividade 4: Aquarela

Descrição: Pintura do tambeo com tinta aquarela no papel sulfite molhado.

Materiais: Papel, tinta aquarela de diversas cores, água e tábua.

Preparação: Do lado de fora, os alunos aprenderam a mergulhar o papel na água. Colocaram-no sobre as tábuas para iniciar a pintura.



Atividade 5: Pasta

Descrição: Confeção de uma pasta para guardar os trabalhos da sequência didática.

Materiais: Cartolina de várias cores, lápis de cor, barbante, papel sulfite, cola, tesoura, furador, papel crepom.

Preparação: Com o papel sulfite, as crianças fizeram um pequeno tambeo. Na parte inferior, fizeram uma franjinha no próprio papel, com a tesoura, e decoraram como desejaram. O tambeo foi colado na cartolina, que estava dobrada ao meio e foi decorada livremente. Depois a pasta foi furada e amarrada na lateral com barbante.

Varição proposta: A pasta pode ser feita em todas as atividades, tal como na sequência proposta, para finalização do trabalho e com qualquer material disponível.

A sequência didática proposta não resgatou de fato o uso da vestimenta, pois essa roupa não está sendo utilizada pelas crianças, mas a atividade proporcionou que as crianças pudessem conhecer esse aspecto da cultura.

Os adornos ainda existem e são utilizados. A saia tradicional foi trocada pelas saias compradas, que não são feitas de fibras, como as de antigamente, e também não são mais feitas pelos índios Guarani.

A participação de Pedro, que é um dos mais velhos da comunidade e conhecedor dessa parte da cultura, foi importante e trouxe esse conhecimento para as crianças.

Para elas foi muito interessante, fizeram várias perguntas e desenvolveram as atividades com dedicação. Acredito que os alunos gostaram do trabalho realizado.



A atividade foi interessante, pois trouxe um conhecimento que aprendi junto com os alunos. Ao ser apresentada pelo senhor Pedro, talvez pudéssemos ter mostrado mais detalhadamente o material nas produções, com a intenção de que as crianças percebessem os recursos (como as fibras) usados para a confecção das roupas, dos instrumentos e dos adornos.

A atividade em questão pode ainda ser desenvolvida, fazendo um trabalho com as fibras e coleta de materiais, ou seja, as crianças participariam da seleção e coleta desses materiais.

Ao começarem as atividades, as crianças ficaram curiosas e ansiosas. Cada uma fez um relato sobre as suas ilustrações. A maioria disse que gostou mais da aquarela, por ser uma atividade diferente das realizadas no cotidiano.

Visita ao bairro da Liberdade

Profª. Guaraní Poty Porã Turíbio Carlos

Kunhã Ratsy

Eu me lembro do dia em que tivemos (eu e os professores indígenas do curso FISPI) uma aula especial sobre Educação Infantil, na qual uma professora simpaticíssima (a musicista e pesquisadora de cultura da infância Lydia Ortélio) nos contava sua bela experiência de vivência com as brincadeiras e cantigas infantis e o quanto era importante esta experiência para os alunos.

Esta aula aconteceu no Teatro-Escola Brincante (localizado na Vila Madalena, capital de São Paulo), ouvimos muitas músicas e brincamos um pouco, foi muito instrutivo e divertido. Nesta ocasião, ouvi a música infantil “Fui à China”, que eu já tinha ouvido num pequeno projeto desenvolvido pela Creche USP que também fomos visitar.

Ao chegar à aldeia experimentei, compartilhar com meus alunos algumas músicas e uma delas foi “Fui à China”. Segue a letra da música:

Dar algum destaque gráfico à letra da música.

Fui à China-na

Saber o que era China-na

Todos eram China-na

Ligue ligue ligue China-na

Fui ao Clips

Saber o que era Clips

Todos eram Clips

Ligue ligue ligue Clips

Fui ao Shangrilá

Saber o que era Shangrilá

Todos eram Shangrilá

Ligue ligue ligue Shangrilá

Fui ao tchá tchá tchá

Saber o que era tchá tchá tchá

Todos eram tchá tchá tchá

Ligue ligue ligue tchá tchá tchá

Minha intenção ao dar uma aula com esta e outras músicas era desenvolver a escrita.

Depois de cantar e memorizar, eu pedi para as crianças escreverem as letras das cantigas.

Minhas aulas são sempre participativas e meus alunos são bastante encorajados a perguntarem. Na aula da cantiga, citada acima, um de meus alunos me questionou:

– Professora, você já foi à China?

– Eu nunca fui à China, pois nunca saí do Brasil, mas já fui a um bairro de São Paulo chamado Liberdade, onde tem bastante coisa da cultura oriental.

Esta foi a conversa inicial que me motivou a construir junto aos meus alunos o projeto “Fui à China”.

– Prô, posso ir até lá também?

– Claro! Por que não? Vamos todos...

Depois disto, pensei em como poderia transformar toda esta disposição de meus alunos em uma ação pedagógica e didática. O que me ocorreu foi elaborar com eles um jornal-mural.

Então, passei a trazer textos de jornais para ler em sala de aula, para que meus alunos tivessem contato com este tipo de escrita. Verificamos a estrutura do jornal e expliquei a diferença entre um jornal convencional e um jornal-mural (a ideia inicial era fazer com que os alunos relatassem uma visita ao bairro da Liberdade no jornal-mural, mas a falta de tempo e de verba para a realização do passeio me fizeram trabalhar outros aspectos da cultura oriental em sala de aula mesmo).

Assim, conhecemos o origami e algumas palavras da cultura japonesa. Mas eu ainda queria realizar o projeto indo com meus alunos ao bairro da Liberdade.

Em meio a este projeto, recebemos algumas moças que estavam fazendo estágio de Pedagogia lá na aldeia, elas acompanhavam minhas aulas, e se ofereceram para nos levar de carro até o bairro da Liberdade. Eu aceitei na hora e meus alunos ficaram muito felizes.

Combinamos tudo, e no dia tão esperado pelas crianças, fomos à Liberdade em três carros de passeio; eu e a minha turma de terceira e quarta séries e a quinta série da professora Jaciara.

Ao chegar lá, a primeira coisa que notaram foi um “homem estátua” e também um cachorro grande e branco, acho que a raça era pastor-belga. Meus alunos observaram os escritos das lojas e dos estabelecimentos de alimentação. Entramos em várias lojas para ver os objetos diferentes que havia lá.

Jorge, meu amigo, que fala japonês, e uma das moças orientais ensinaram as crianças a falar “boa tarde” e “estou só olhando” em japonês, para que elas falassem ao entrarem nos estabelecimentos comerciais.

As pessoas do bairro ficaram impressionadas por verem “guaranizinhos” falando japonês, e alguns que nos ouviam falando em Guarani, tentavam nos imitar, alguns com sucesso.

Compramos alguns alimentos típicos orientais para as crianças experimentarem, como ameixa seca, bolacha de arroz e doce de feijão.

Vimos roupas típicas, aquelas pequenas árvores (*bonsai*), construções e jardins típicos e visitamos, por fora, o Museu do Imigrante Japonês. Fechamos o passeio com um típico almoço chinês, *yakisoba* (macarrão).

A visita foi em uma sexta-feira, e ao chegarmos os alunos foram dispensados.

Na segunda-feira, pedi para as crianças escreverem de memória o que viram e do que gostaram ou não no passeio.

Meus alunos tinham dificuldades para desenvolver a escrita e o máximo que conseguiram fazer foi cinco linhas bem simples.

Nos dias seguintes, após escreverem, fizemos juntos uma revisão dos relatos. Escrevi os textos um por um na lousa, achamos os erros ortográficos e os escrevemos novamente.

Depois, pedi para as crianças traduzirem para o Guarani e novamente fizemos o exercício de re-escrita coletiva.

As atividades de escrita e re-escrita eram intercaladas por atividades lúdicas e “saborosas”, como assistir a um filme que retratava a cultura japonesa antiga, a construção de origamis e o aprendizado de poucas palavras e símbolos japoneses. As crianças também criaram desenhos a partir da vivência no bairro da Liberdade e de seus textos produzidos.

Demoramos para montar o jornal-mural, pois eu não conseguia revelar as fotos, mas quase no final das aulas, conseguimos montá-lo. Assim, quatro

exemplares foram parar nas paredes dos locais mais movimentados da aldeia: a escola, o CECI - Centro de Educação Infantil, a cozinha comunitária e o Posto de Saúde.

Os alunos se envolveram nas atividades e, dentro das devidas possibilidades e limites, desenvolveram mais na escrita e na leitura.

Apesar dos tropeços e contratemplos, acredito que a experiência tenha sido muito boa, pois crescemos como pessoas ao conhecermos outras culturas, mesmo que superficialmente. Este tipo de contato nos ajuda a desfazer preconceitos.

Foi uma bela e apaixonante experiência.

A importância das tradições e a cultura Guarani

Prof. Guarani Saulo Lino Cabral Ramires

Leitura, um projeto que envolve todas as áreas do conhecimento



Na Aldeia Amba Porã, as crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, através da forma tradicional do povo guarani: a fala dos mais idosos, que lhes apresentam histórias enfocando seus mitos, rituais, festas tradicionais e a importância do convívio social e familiar.

Com a implementação das escolas públicas indígenas dentro de terras demarcadas, que foi de certa forma, uma necessidade, e por isso, um desejo e uma conquista nossa e de nossas lideranças; nós, indígenas, encontramos um estímulo, uma motivação ainda maior para aprender a língua portuguesa e para conhecer e dominar os códigos da escrita. Mas nunca perdendo nossas raízes da língua materna e de tudo que faz parte de nossa cultura oral.

A partir deste desafio, e com a necessidade de uma especialização cada vez maior, enquanto professores, adquirimos hábitos dos brancos, como por exemplo, a leitura. Uma grande novidade para nossa cultura, que tem como base para a transmissão de conhecimentos a oralidade e as práticas, não os registros.

Essa necessidade da prática e do domínio da leitura, vem se tornando cada vez mais necessária com a nossa entrada na universidade, pois entramos em contato com muitos conhecimentos que somente poderiam ser adquiridos através de grande estudo por meio dos livros. Para nós, indígenas, esse estudo era uma novidade difícil de ser incorporada, e da mesma maneira, percebemos o quanto é difícil sermos compreendidos pelo branco, pois nossa realidade é muito diferente, principalmente na questão do tempo e dos registros.

Ao passo em que a leitura foi se transformando aos poucos em hábito, junto

com ela, vivenciamos a atribuição de muitos significados e padrões novos. Foi através desses novos significados e propostas que entramos em contato através dos professores do Curso de Formação Intercultural da USP, que me veio a inspiração de transmitir o conhecimento às crianças de minha aldeia também através da leitura, para que eles possam dominar esta linguagem.

Entretanto, ao introduzir a leitura de livros, abrimos as portas de entrada da escola indígena ao mundo dos não-indígenas, uma vez que ainda não temos materiais indígenas que possam ser utilizados, o que constitui hoje um de nossos maiores desafios e desejos enquanto professores indígenas. Ao buscar um caminho do meio, procurei tanto em livros e revistas dos brancos, como nas imagens propiciadas pela natureza, pela magia das notas musicais retiradas dos instrumentos sagrados e pelo plantio, subsídios (e materiais) voltados para a construção do ensino e aprendizagem da leitura.

Mas como fazer tudo isto?

Se os Guarani transmitem sua cultura através da oralidade, como estimular nessas crianças o gosto pela leitura?

A motivação para buscar informações relevantes em registros escritos? Significados implícitos nas entrelinhas dos textos?

Como buscar soluções dos problemas?

Pensei, pensei, e até desanimei, mas de repente, encontrei a solução!

Encontrei o estímulo ali dentro de minha aldeia mesmo, nos usos e costumes, na própria natureza, nos ritos sagrados, nos mitos, enfim na própria história de meu povo que poderia ser estudada através da relação com a história dos brancos, utilizando seus livros como ilustração dos elementos encontrados em nossa história, criando histórias paralelas em um mesmo tempo.

Somente necessitava desenvolver a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, o que parecia no início ser uma missão quase impossível; mas precisava estimular em nossas crianças o hábito da leitura, dando-lhes a confiança e condições favoráveis, tornando-se uma prática diária, facilitando o conhecimento, a reflexão e a aprendizagem.

A partir destas ideias, comecei a trabalhar diariamente com a leitura de livros infantis, livros didáticos, livros paradidáticos, a usar dicionários e revistas, enfim, a explorar com meus alunos todos os materiais escritos que existiam disponíveis

na aldeia. E então, o que no início era uma atividade realizada pelas crianças de nossa escola, aos poucos foi sendo incorporada por toda a comunidade, mesmo por aqueles não-alfabetizados que mostraram interesse pelos livros e iniciaram fazendo, num primeiro momento, a leitura das imagens dos textos.

As crianças começaram a ter um outro estímulo para aprender na Escola Ko'ê Ju.

As aulas tornaram-se diversificadas e em vários locais da aldeia, ora na própria escola, mas em outros momentos, no pátio, na mata, no lugar do plantio e na casa de oração, sempre com a presença dos idosos e de grande parte da comunidade.

O importante foi continuar a dar prioridade à língua materna e à oralidade através do relato dos idosos. Aos poucos toda a comunidade tem entrado em contato com o universo da escrita, mas a transmissão de conhecimentos através da língua indígena ainda continua sendo uma prática importantíssima para o povo Guarani e fundamental para a nossa identidade. Por outro lado, não devemos esquecer que, atualmente, percebemos a necessidade do registro também, para de certo modo, perpetuar a nossa história e dialogar melhor com o não-indígena.

Objetivos

Os objetivos desenvolvidos para este projeto foram:

- desenvolver a leitura, e a partir do tema escolhido, trabalhar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento;
- compreender a realidade atual e identificar questões internas dos Guarani;
- caracterizar e distinguir as relações sociais entre os Guarani e os não-indígenas;
- refletir sobre as modificações tecnológicas dos não-indígenas, relacionando-as com o modo de vida dos Guarani;
- localizar os acontecimentos no tempo;
- reconstruir a memória do povo Guarani, a partir do ponto de vista da comunidade, valorizando usos e costumes e a retomada de práticas tradicionais em desuso;

- conhecer e valorizar dentro da escola os saberes tradicionais relacionados à importância do plantio, dos instrumentos sagrados e da mata.

Conteúdos

Os temas estudados foram selecionados em reuniões, realizadas na escola, com toda comunidade. Destes encontros, foram escolhidos três grandes temas:

“A mata e o artesanato”

“O plantio sagrado”

“Os instrumentos musicais”

A partir da escolha dos três temas a serem trabalhados nas aulas, houve uma conversa com a comunidade para esclarecer que, partindo desses conteúdos da cultura indígena, selecionados como motivadores para o desenvolvimento da leitura, as crianças estariam tendo aulas também relacionadas aos mesmos, envolvendo todas as disciplinas contidas nas três áreas do conhecimento (Linguagem, Códigos e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias e Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias) que estão sendo propostas para a re-estruturação da escola indígena e que tivemos a oportunidade de trabalhar na disciplina Organização Escolar no curso da USP.

Material

O material utilizado no trabalho em torno dos três temas foram: facão, faca afiada, instrumentos musicais, panos, mudas de árvores, sementes, enxadas, papel sulfite, lápis de cor, giz de cera, lápis preto, cartolinas, colas.

Metodologia

As crianças entraram em contato com as noções fundamentais desenvolvidas nas aulas a partir dos relatos do mais idosos da aldeia e da leitura de livros didáticos, paradidáticos e revistas sobre: meio ambiente, plantio e instrumentos musicais.

A próxima etapa foi reunir a comunidade e explicar como seriam desenvolvidas as aulas durante todo esse processo, criando um clima de confiança para que as crianças pudessem mergulhar na leitura e valorizar os registros, fortalecendo cada vez mais nossa cultura.



A importância da mata no artesanato

Penetramos na mata em busca de árvores que pudessem ser utilizadas para esculpir animais considerados sagrados para nosso povo. Durante algum tempo, ficamos sentados no local, lendo textos informativos dos animais e ouvindo as histórias contadas pelos mais idosos sobre os animais sagrados e sobre algumas árvores existentes no local.

As crianças menores retrataram os animais por meio de desenhos e foram aprendendo que cada animal tem sua própria característica, através de seus símbolos de proteção do meioambiente. Com a aproximação do branco, fomos esquecendo e agora iremos retomar esses conhecimentos.

Os animais estudados foram: o tatu, símbolo de proteção da terra; o tamanduá, símbolo da paz da mata, por se alimentar de insetos e não agredir o homem; a coruja, que representa a sorte; o macaco, que representa a alegria, a felicidade e a brincadeira e o tucano, que anuncia a chuva tão importante para nós e para a mata. Enfocamos também outros animais, mas não posso relatar por ser segredo de nossa aldeia. Neste momento, as crianças tiveram a noção que esses animais são símbolos sagrados, e de que temos que protegê-los.

Após o estudo dos animais, o próximo foco estudado foram as árvores existentes em nossa aldeia, e quais seriam as que poderíamos cortar para esculpir nossos animais estudados e o corte a ser utilizado. Neste caso, as árvores abordadas foram a corticeira que é uma árvore de médio porte e atinge mais ou menos quatro metros de altura e a caxeta, que também é utilizada, mas em nossa aldeia manuseamos mais a corticeira, por ser encontrada em grande quantidade.

Os mais idosos contaram as histórias das duas árvores e eu expliquei que para se obter um excelente resultado, o corte deveria ser na lua minguante. Um momento muito especial foi quando informamos que não poderia ser qualquer corticeira, pois ela deveria ter por volta de cinco a sete anos e a identificação dessa idade seria através de sua altura e, principalmente, de seu tronco que possuiria em média três palmos de circunferência. O corte somente acontece se forem encontrados brotos ao seu redor, se não houver, a árvore não pode ser cortada. Esse corte deve ser realizado com facão para não agredir a árvore, sendo realizado pelas crianças maiores de dez anos, para evitar algum acidente com os menores. Enquanto os maiores cortavam a árvore, os menores faziam desenhos e questionavam os mais idosos sobre o assunto focado. Durante o corte, foi necessário observar a medida necessária para cada animal. Este corte não foi o único, pois aconteceram mais dois cortes, que foram realizados por mim, pois houve a necessidade de precisão. Vencidas estas etapas, iniciamos a montagem e o esculpir do animal com uma faca bem afiada, bem devagar para não acontecer nenhum acidente. Após de esculpido, o animalzinho secou durante cinco dias e depois disso, fizemos uma fogueira com árvores duras como a goiabeira e jabuticabeira, juntando os seus galhos para podermos queimá-los. Nesta fase, somente as crianças de dez anos puderam participar, para evitar acidentes com os menores. Após o bichinho de madeira ser queimado e limpo com um pano molhado, passou-se gordura de paca para não mofar, e se fosse vendê-los, passaríamos verniz.

Durante todo este processo, as três áreas de conhecimento foram envolvidas da seguinte maneira:

Linguagem, Códigos e suas tecnologias

Através da leitura e registros de todas as etapas estudadas. Foram registradas também as histórias contadas pelos mais idosos, perpetuando desta forma a história do povo Guarani. Na língua materna foram escritos os textos e traduzidos para a língua portuguesa. Foram realizados desenhos da mata, dos animais e das histórias contadas. Em Educação Física, alongamentos, caminhadas da escola até a mata. Em Artes, desenhos e esculpir os animais com todas as suas técnicas.

Ciências Humanas e suas tecnologias

Em História, foram contadas as histórias do povo Guarani, a importância da mata e dos animais. Na Geografia, estudamos a localização e o mapeamento da região, do relevo e dos rios.

Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias

Na Matemática, estudamos as medidas de comprimento e área, formas geométricas, situações-problema e as quatro operações. Em Ciências, houve o estudo do meio ambiente: vegetais e animais.

Avaliação

Foi realizada através de questionamento oral e registros, sobre a importância da mata e dos animais nela existentes. Houve o acompanhamento de leitura e suas reflexões, a construção de um livro reunindo todos relatos dos mais idosos (meus pais), os desenhos das crianças e jovens, fotos dos animais confeccionados e da mata.

Plantio Sagrado

O plantio sagrado foi um pedido da comunidade, pois todos querem garantir a continuidade do plantio e sua importância, pois dele vem a nossa alimentação e subsistência. Para desenvolver esta atividade, trabalhei, primeiramente, a leitura de textos referentes às ervas medicinais, árvores frutíferas e sobre alguns tipos de agricultura de subsistência utilizados pelos brancos. A leitura emocionou toda a aldeia, pois muitos dados lidos, eram de conhecimento dos Guaranis. Colocamos em votação quais seriam as plantas e as sementes a serem utilizadas, sendo escolhidas: árvores frutíferas, ervas medicinais, milho, mandioca e batata doce. As mudas foram fornecidas pelo Projeto CTI(Centro de Trabalho Indigenista). A princípio fizemos a leitura dos livros didáticos e paradidáticos sobre agricultura de subsistência, da importância de cada erva medicinal para o dia-a-dia do ser humano, após termos esse embasamento, iniciamos o trabalho de campo. Primeiramente verificando a área do plantio, qual o tipo de solo, correção desse solo se necessário, a topografia existe nessa área e a limpeza do lugar. As mudas de árvores foram plantadas no mesmo terreno, as quais foram: jacarandá, jenipapo, mamãozinho da mata, angico, ipê vermelho, erva-mate e araçá.

Sempre mostrando o significado de cada planta, como, por exemplo: o jenipapo, tem a propriedade de corante para nós Guaranis; o ipê vermelho é utilizado como remédio; o mamãozinho é uma fruta e o seu caldo é importante para o uso diário dos antigos da aldeia; o angico é usado na ponta da flecha e para a confecção do arco; do jacarandá retira-se a fibra para fazer cordões para amarrar utensílios em geral e principalmente o arco; a erva-mate é usada como bebida. Durante toda as etapas do projeto, houve efetiva participação dos mais idosos e da comunidade, sempre enfatizando nossos valores, usos e costumes.

As três áreas de conhecimento foram envolvidas, na prática de ensino e aprendizagem.

Linguagem, Códigos e suas tecnologias

Após ser realizada a leitura de diversos textos sobre o assunto, as crianças, depois do trabalho de campo, escreveram textos na língua materna que foram traduzidos para a língua portuguesa. Em Artes pedi que imaginassem as mudas a serem plantadas e as desenhassem antes mesmo de conhecê-las, e após isso, fizessem a comparação de seus desenhos e das mudas reais. Realizaram também, desenhos sobre a área utilizada para o plantio. Em Educação Física fizeram alongamentos e corridas ao redor da área estudada.

Ciências Humanas e suas tecnologias

Observamos os relatos contados pelos mais idosos sobre o plantio sagrado de nossa aldeia. Em Geografia, houve o estudo do relevo, do mapeamento da região e da agricultura.

Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias

Na Matemática, estudamos, através das quatro operações, o estudo de área e situações-problema. Em Ciências, continuamos o estudo do meio-ambiente através do estudo dos alimentos.

Avaliação

Foi realizada através de questionamento oral e de registros, sobre a importância do plantio. Fizemos leituras e reflexões, a produção de um livro que reuniu todos relatos dos mais idosos (meus pais), os desenhos das crianças e jovens e foto de todas as etapas do plantio.



Os Instrumentos Musicais Sagrados

Toda comunidade está feliz com o desenvolvimento de nossas aulas, estamos na etapa final, o tema escolhido como dizem os brancos é envolvente e apaixonante. Falar sobre os instrumentos musicais sagrados é trazer de volta assuntos que estavam adormecidos, por décadas, mas tive a alegria de poder em minhas aulas trazer de volta um pouco dos ensinamentos dados por meu avô e meu pai. Atualmente com a evolução do mundo e o grande contato com culturas diversas é importante restaurar esses conhecimentos, pois fazem parte da existência de nosso povo.

Iniciei as aulas através do som musical de nossos instrumentos que nos envolveram com sua magia. De posse desse conhecimento, as próprias crianças procuraram nos livros e revistas assuntos que se referissem ao tema. Construíram textos na língua materna e traduziram para a língua portuguesa, desenharam e construíram os instrumentos mais fáceis. Expliquei que saber fabricar um instrumento é para poucos na aldeia, pois quem o constrói tem que ser uma pessoa com habilidade, ter o conhecimento de seu formato e sua simbologia, como, por exemplo, a rabeça que tem sua representação no desenho de um coco, simbolizando uma Deusa, a mãe eterna, o céu e a terra através de suas cordas. O violão representa os cinco Deuses, através de suas cordas que são: Tupã, Nhanderu, Kuaray (Sol), Karai (Guardião da Lua), Jakaira, representando a nossa mão e cada corda os nossos dedos; o dedo do meio representa o Deus supremo, pai de todos. O Popygua'í é como um pequeno batom, feito de cerne de guajupira, representa o Trovão, ou seja, a dança do guerreiro; este instrumento já existia antes do colonizador chegar ao Brasil, é usado na dança dos guerreiros. O Maracá-mirim representa a paz, é feito com a cabaça com sementes de capiá. O Tukumbo é um instrumento que representa Tupã feito de cipó-imbé, seu som simboliza o Trovão.

Chegamos ao final de nosso projeto, envolvendo assuntos pertinentes e de importância aos Guaranis, com dinâmicas diversificadas, houve o enriquecimento cultural de nossas crianças e de toda a aldeia.

Foram envolvidas as três áreas do conhecimento, para estudo e reflexão do tema.

Linguagem, Códigos e suas tecnologias

Em Língua Portuguesa, realizamos muita leitura, produções de textos e traduções na língua materna. Na disciplina de Artes, construímos alguns instrumentos, desenhos e dançamos utilizando os sons musicais. Em Educação Física, fizemos alongamentos e jogos utilizados pelos nossos guerreiros na antigüidade.

Ciências Humanas e suas tecnologias

Em História, através dos relatos de meu pai, conhecemos a história dos instrumentos musicais sagrados de meu povo, desde a chegada dos europeus ao Brasil até os dias de hoje. Na disciplina de Geografia, estudamos o trajeto usado pelos europeus para chegar ao Brasil.

Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias

Na Matemática, usamos as quatro operações e medidas de distância. Em Ciências, estudamos as doenças transmitidas pelos europeus ao nosso povo.

Avaliação

Foi realizada através da construção dos textos, dos desenhos, dos cálculos, enfim, das reflexões das leituras efetuadas. Como conclusão, realizamos a construção de um livro com todas as informações obtidas durante o estudo dos instrumentos musicais sagrados.

Autoavaliação

Foram momentos especiais, de autoafirmação em que todos da aldeia tiveram grande participação, dedicação e muito amor aos temas enfocados, além de tudo isso, um grande sonho foi realizado: o retomar das nossas tradições e cultura, que se desgastaram através dos anos, pela discriminação e falta de amor ao nosso povo e das dificuldades existentes da nossa própria subsistência.

Este trabalho teve a ajuda gigantesca de meus pais e de meu avô, através de minha educação, realizada com muito amor, sempre ensinando nossos valores Guaranis.

Atualmente minha comunidade esta assentada em uma área demarcada pela FUNAI, no Município de Miracatu no bairro de Santa Rita, com o nome de Aldeia Amba Porá, significa Altar Sagrado, a escola existente dentro da aldeia chama-se EEI Ko'ê Ju, que significa Aurora Matinal, e está vinculada a EEI Aldeia Uruity. Sou o professor mais orgulhoso que existe, pois tenho crianças maravilhosas, inteligentes, dedicadas e uma comunidade ativa e participativa. Sou grato a Nhanderu por ter realizado meu grande sonho: ser professor, e poder levar o saber a todos da Aldeia Amba Porã.

Ervas Medicinais – trilhando uma parceria entre comunidade e escola

Profª. Tupi-Guarani Sara Silva Rosário (Kunhã Ratsy)

Conversava com meus alunos, em sala de aula, e uma das crianças falou que gostaria de saber mais sobre as ervas medicinais.

Após esta conversa, comecei a pensar como fazer para desenvolver este tema com a classe.

Já conhecia algumas ervas, mas decidi pesquisar mais com a minha mãe. Perguntei quais eram as ervas que tínhamos na aldeia, quais eram as suas funções e como prepará-las. Ela me deu todas as informações e instruções e, eu fui anotando em um papel.

Após uma semana de conversas já tinha um plano de aula pronto!

Plano da aula Erva Tradicional

Objetivos

- valorizar nossas ervas tradicionais;
- conhecer como se preparam e para que servem estas ervas;
- localizar as ervas na aldeia;
- incentivar o uso das ervas tradicionais;
- confeccionar um manual com informações sobre o preparo e uso das ervas.

Estratégias

- conversar com as crianças sobre as ervas tradicionais;
- elaborar perguntas como: Quem conhece alguma erva? Para o que serve? Como prepará-las? Em nossa aldeia há ervas medicinais? Quem já usou ervas curativas?
- caminhar com as crianças pela aldeia, identificando as ervas existentes;
- retornar para sala de aula e confeccionar uma lista com os nomes das ervas encontradas na aldeia;

- formar grupos de três crianças, distribuir folhas de sulfite e pedir que os grupos escrevam o nome em Tupi-Guarani e em português, desenhando também algumas das ervas encontradas;

- perguntar aos grupos se eles sabem qual é o uso daquela erva que escolheram;

- perguntar aos grupos se eles sabem como se prepara a erva escolhida;

- para as ervas cujo uso é conhecido, descrevê-la e redigir o modo de prepará-la. A redação será em Tupi-Guarani e em português;

- para as ervas cujo uso é desconhecido, a professora escreverá na lousa como é o seu preparo e qual é seu uso. Também haverá uma redação bilíngue.

- revisar os textos;

- caminhar novamente pela aldeia para que cada dupla tire fotos das ervas que desenharam e descreveram o preparo e uso;

- colar as fotos ao lado dos desenhos feitos em sala;

- por votação, escolher novas ervas para estudo;

- convidar uma pessoa mais velha para dar uma aula prática sobre a erva medicinal escolhida - as crianças acompanham o mais velho desde o local determinado, onde a erva é retirada, até o local onde ela será preparada; acompanham, também, o preparo; por fim, fazem uma pequena prova do remédio.

Relato avaliativo

Recolhi todos os trabalhos elaborados por cada grupo e confeccionei uma apostila. Os alunos fizeram desenhos e, por votação, escolhemos qual ilustraria a capa.

Fizemos uma roda de conversa na qual as crianças disseram o que acharam do trabalho que realizaram. Aproveitei para pedir que elaborassem um mapa com a localização das ervas na aldeia.

Tanto para mim quanto para as crianças, esse trabalho foi bem proveitoso. A comunidade ficava surpresa, impressionada quando as crianças falavam para sua mãe sobre a erva que era boa para aquele sintoma que ela estava sentindo. Todos passaram a dar mais valor às ervas medicinais existentes em nossa comunidade, usando-as com maior frequência.

Em um trabalho como este, o professor pode trilhar o caminho sozinho, contudo este caminho será mais proveitoso se o professor estiver atento ao que dizem as crianças. É importante ouvir o que os alunos falam, assim como fica mais gostoso ouvir a comunidade e os mais velhos também. Só assim trabalhamos para melhorar a comunidade. É uma tentativa de solucionar alguns problemas existentes na aldeia. A melhoria da aldeia só acontece pela união do professor com todos os membros da comunidade.

O professor que sabe trilhar o caminho que liga a comunidade com a escola, respeitando as normas e costumes da aldeia, faz com que todos saiam ganhando!

Do conhecimento sobre agricultura dos Terena da Terra Indígena Araribá ao ensino para crianças de 7 a 10 anos

Prof^a. Terena Tereza Silvério

Prof^a. Terena Márcia Pio Martins

Prof^a. Terena Maria Luísa Lipú

O povo Terena sempre viveu do plantio, mas o modo de plantar mudou bastante desde que eles saíram de Êxiva. Nós somos professores e buscamos registrar algumas das práticas de plantio dos Terena da Terra Indígena Araribá, possibilitando assim, um melhor entendimento do que mudou na agricultura Terena, ajudando os demais professores a ensinar para seus alunos essa prática tão importante da cultura. Para isso, além das entrevistas com os mais velhos e das leituras sobre a agricultura, propomos uma sequência didática para trabalhar com as crianças de nossas escolas abordando o tema agricultura, a “Dança da Chuva” e a importância da mandioca na alimentação Terena.

A sequência didática foi organizada em três momentos. O primeiro consistiu na realização de observações e entrevistas pelas crianças, a fim de viabilizar o contato com as práticas de agricultura Terena. O segundo propiciou às crianças conhecerem a história da “Dança da Chuva”. No terceiro momento, o objetivo foi ensinar a língua por meio de uma receita que orienta a preparar um prato típico feito com mandioca.

Dessa forma, além de estudarem a língua, as crianças também puderam conhecer um importante alimento do povo Terena.

Planejamento para sequência didática

Para tratar do tema “agricultura Terena”, conforme mencionado, foi elaborada uma sequência didática organizada em três momentos: o primeiro é associado ao plantio e à colheita, por meio da observação e de realização de entrevistas na aldeia; o segundo é o trabalho com uma história típica Terena; e o terceiro propõe o ensino da língua por meio da receita de um prato típico feito com mandioca.

Sequência didática

Agricultura, “Dança da Chuva” e prato típico Terena

Momento 1: observação e entrevistas

Objetivo

- propiciar o contato direto das crianças com as práticas de agricultura Terena.

Para fazer a aproximação com o tema agricultura, o professor conversa com os alunos sobre o papel da agricultura na vida da aldeia. Nessa hora, o professor vai perguntando aos alunos quem planta na família deles, o que é plantado, o que é preciso para acontecer uma boa plantação, entre outras perguntas. É um momento de conversa.

Depois, o professor avisa aos alunos que farão uma visita a uma das plantações da aldeia. Para isso, é importante que o professor combine antes com o agricultor que receberá a turma.

Antes de saírem para a visita, o professor organiza os alunos em pequenos grupos para que pensem e escrevam algumas perguntas que gostariam de fazer ao agricultor.

Na hora da visita, é bom levar uma máquina fotográfica. Os alunos também devem levar seus cadernos, com as perguntas que elaboraram na aula.

Na aula seguinte, o professor e os alunos vão organizar o material que coletaram. Juntos, todos fazem um relatório coletivo, escrevendo o texto com base nas fotos, respostas e observações que fizeram.

Momento 2: história Terena

Objetivo

- conhecer o significado da Dança da Chuva, uma história tradicional da cultura Terena.

Primeiro o professor conversa com os alunos sobre a importância da ema na cultura Terena. Para isso, o professor pode trazer fotos de ema e de festas da “Dança da Chuva” para ver se os alunos conhecem.



Valéria, Verônica e Zélia (da esquerda para direita) vestidas para a “Dança da Chuva” (*Hiyokena Cipútrena*), ocorrida na Aldeia Ekeruá, em 2007



Kipâe (Ema)

Depois o professor conta a história para os alunos, na língua indígena e em português. Enquanto conta a história, o professor pode fazer perguntas para verificar se os alunos estão entendendo.

Com crianças pequenas, o professor pede para que façam desenhos para ilustrar a história. Com crianças maiores, o professor pode fazer jogos com palavras-chave em Terena, tais como: *úko* (chuva), *Kipâe* (ema), *hiyokexea* (dançar), *kavane* (roça), *nonéti* (plantação), *kapási* (nuvem), *seno* (mulher), *senohiko* (muitas mulheres), *kevea* (chover).

HIYOKENA CIPÚTRENA

Mekukenovo eponé tēnoe yonovo okóvo akó'otine meku kēva xoko ípuxovoku.

Epone senohiko, yonôvoti okovo hoúxovohiko, oposikoti koêku kixoaku ehaxikea ne úko. Kóehiko:

- Konokoâti vopósikea kixoaku vehaxikea ne úko vo'óku, kaháyane ivohikeovo ne nonéti!

Yane, turixovone hiko "híyokexea".

Epone senóhiko hoúxo koene hiko híyokexea nonekuke ípuxovoku, yane pi'á koene iherereuku, kóane namu kixeokokone vôu.

Epo uke'exoa ne híyokexea, turixovone kevea, kevóne neko úko. Epó kotikovone neko úko kómomo vanúke neko senohíko noixo kipâe xapakuke hopú'iti kapási.

Hukinovoti uti tēnoe, kutipinoa uti itukeovo vanuke ovo ne kipâe. Enomone pahuko'a eneya ne hoyeno tap'i'i ya iharoti koati teyone uti ne kipâe. Epone hóyeno tap'i'i kamôa éneyeane kipâe, turixovo maka éneyea poké'eke kóixepukea tēnoe yonea ya kavâne.

DANÇA DA CHUVA

Há muitos anos atrás, os Terena começaram a ficar muito preocupados, pois não chovia na aldeia.

As mulheres, muito preocupadas, decidiram se reunir para pensar em um modo de chamar a chuva.

Elas falaram:

- Temos que fazer algo para a chuva vir, pois as plantações estão morrendo!

Então, elas resolveram fazer a "Dança da Chuva".

As mulheres se reuniram no terreiro da aldeia e começaram a dançar, em duas fileiras, todas fazendo passos iguais e movimentos com as mãos. Assim que terminaram a dança, começou a chover.

Quando a chuva parou, todas as mulheres olharam para cima e viram uma Ema em uma nuvem branca.

Por isso, nós, Terena, acreditamos que a Ema mora no céu. De lá, ela dá o primeiro canto avisando os galos da terra que o amanhecer vem vindo. Por isso que respeitamos a Ema. Os galos, ao ouvirem a Ema, começam a cantar aqui na terra para que os Terena se levantem e vão para a roça.

Fonte: trecho da Sequência Didática sobre rituais de passagem, escrita por Márcio Pedro, Aparecido Vitor, David Henrique da Silva Pereira e Zélia Luís, publicada no livro Educação Escolar em Contexto Bilingue e Intercultural: línguas indígenas e língua portuguesa.

Momento 3: o ensino da língua por meio da receita de um prato típico feito com mandioca**Objetivo**

Vivenciar a cultura conhecendo um prato típico.

Para começar a atividade, o professor conversa com os alunos sobre a importância da mandioca na alimentação Terena. Para isso, o professor faz perguntas, tais como: quem gosta de mandioca? Quem come mandioca todos os dias? Que alimentos podem ser preparados com a mandioca?

Em seguida, o professor lê o texto abaixo para os alunos, na língua indígena e em português.

EXETINA XUPÚ

Uke'atine simeáko Brasi, inúxoti Terena, yomotihiko, noi'yêa xúpu exoti yoko ipuhokóvoti.

Aha'axóhiko nika Terena, xúpu.

Koa'hati nikane mekuke, koane ako'topi kixo'aku.

Oyena kixoa itukopovo xómoyu xánena tapi'i, ako'ó itukovo na'u movo'iti vaka.

Ya none ihároti kaha'ane yuponiyea enepone úsotine'hiko xane oxokotine yúku ikotuxotine une óreka mate, ipihotine osone xúpu nikamo ixanexope óreka káfe.

Enepone éxoti xúpu vitukoa râmoko, yuma, póreo, lapâpe, híhi.

Kene ipúhokovoti xúpu, poehane râmoko, yúma vitukoa.

Mekúke heru kixóenovo xoena, noiyeovo ne xúpu.

Kó'oyene, konokaati kuxea uti kevea ukó iná noa uti ne xúpukoxe motovâti uhe'ekea.

SOBRE A MANDIOCA

Desde sua chegada no Brasil, os primeiros Terena sempre cultivaram a mandioca, tanto a de mesa quanto a brava.

Para a comunidade Terena, a mandioca é o alimento sagrado porque ela pode ser preparada de várias maneiras.

A mandioca pode ser cozida e usada em sopas ou guisados com frango caipira, carne de caça ou bovina, seca ou fresca.

Antigamente, já de madrugada as pessoas idosas preparavam a fogueira para tomar chimarrão e, enquanto tomavam o mate, colocavam a mandioca para assar. No café da manhã, a mandioca já estava pronta para ser consumida.

A mandioca mansa também pode ser usada para fazer farinha, polvilho, biju, póreo, hîhi e tapioca.

Com a mandioca brava fazemos farinha e polvilho.

Com relação à época do plantio, antigamente plantava-se a mandioca o ano todo.

Hoje, com a mudança do clima, é preciso esperar a chuva antes de plantar a rama da mandioca para ter uma boa produção.

Na agricultura Terena, o que é mais cultivado é a mandioca. Com ela, as mulheres preparam alguns tipos de alimentos. Um deles é o hihî, que é conhecido pelos mais velhos.

Fonte: trecho da Sequência Didática sobre alimentação Terena, escrita por Lícia Vitor, Tereza Silvério, Maria Luísa Lipú e Cláudio Félix, publicada no livro Educação Escolar em Contexto Bilingue e Intercultural: línguas indígenas e língua portuguesa.

Depois disso, o professor pergunta se os alunos conhecem ou já comeram o *hihi*. E mostra a receita na língua indígena e em português. Após estudar a receita com os alunos, o professor organiza a turma para o preparo, convidando alguém da aldeia que saiba fazer o *hihi* para contar histórias e acompanhar a turma na hora de fazê-lo.

KIXÓVOKU ITÚKEOVO HÎHI

Nika uti Terena, ituke exoti xúpu konokoti mahekea úti mopo'áti heve xúpu. Ina vehehe pixoa, ya enoné'e vehehepio, inatimo vaikôa, ne xúpu.

Usone, ene aíkeovo ínatimo vitukôa ne hîhi, enepo éno hô'o konókoti, véyeovo kalihuti ne hô'o, enepo ne xúpu akoti axuína hô'o ako okónokoa.

Konokotimaka vopósikea tuti pânana, vaupuikeake, ne hîhi, yoko tuti emukaya vika akeake, yane'e inatimo, oye'ekovo.

RECEITA DO HÎHI

(Bolinho tradicional da etnia Terena que é feito de mandioca)

Pegar uma boa quantidade de mandioca mansa.

Lavar e raspar para tirar a casca.

Depois de descascada, lavar novamente, pegar um ralador e começar a ralar.

Depois de ralada, torcer com um pano limpo para tirar o excesso do caldo da mandioca. Não torcer muito, pois a massa poderá ficar muito seca.

Em seguida, pegar uma boa quantidade da massa que caiba na mão e ir modelando no formato de bolinho do tamanho desejado.

Depois de preparar o bolinho, pegar uma folha de bananeira, já sapecada na temperatura do fogo, e embrulhar.

Depois de já embrulhados, amarrar com folhas de coqueiro em cruz.

Levar ao fogo em uma panela grande com água fervendo até que os bolinhos já estejam cozidos.

Relato sobre a vivência para a preparação do *Híhi*

No dia 17 de janeiro de 2008, fizemos, na aldeia Ekeruá, a preparação do *híhi*. Três pessoas da comunidade, Clementina Luís de Camilo, Claudete de Camilo Lipú e Leonilda Luís, que conhecem todo o processo para fazer o *híhi*, participaram conosco. Nesse dia, também participaram dez alunos da escola.

Nas fotos a seguir, encontra-se todo o processo.



Tereza yoko Laláti veyoti kávaov xúpu kóxe.
Tereza e Maria Luísa tirando o galho da mandioca.



Tereza yoko Laláti kehokóti xúpu.
Tereza e Maria Luísa cavando a raiz.



Tereza yoko Laláti marékoti xúpu.
Tereza e Maria Luísa arrancando a mandioca.



Pétu húvo'oxoti marékoti xúpu.
Maurício ajudando a arrancar a mandioca.



Tereza yoko Laláti ikomumuxoti ána xúpu.
Tereza e Maria Luísa mostrando a raiz da mandioca.



Mare'úti xúpu.
As mandiocas colhidas.



Enepone Nenga yoko Tereza yoko Laláti ehehepixoti xúpu.
Senhora Leonilda Luís, Tereza e Maria Luísa raspando a casca da mandioca.



Ána xúpu usone'e ehehepixe'ovo.
As raízes de mandioca depois de raspadas.



Enepone Nenga aikoti xúpu.
Senhora Leonilda ralando a mandioca.



Xúpu usotine aike'ovo.
A mandioca ralada.



Enepone Clementina veyoti túti pánana aúpu'i híhi.
Senhora Clementina Luiz retirando a folha da bananeira para embrulhar híhi.



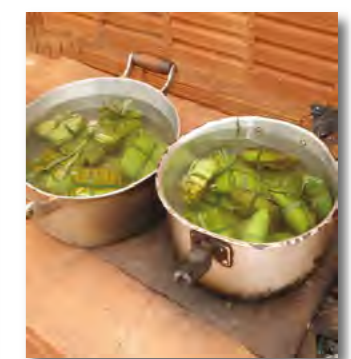
Clementina oxókoti yúku.
Senhora Clementina acendendo a fogueira.



Enepone Nenga veyoti túti emúkaya, ika'akope híhi.
Senhora Leonilda retirando folhas de coqueiro para amarrar o híhi.



Híhi úsoti ne.
Os híhi já modelados.



Híhi úsotine, motovatine oye'ékeovo.
Os híhi prontos para o cozimento.

Uma Conversa ao pé da árvore...

Prof^a. Kaingang Rosimeire Barbosa Dias (Goio We)

Minha aula diferenciada começou na aula da professora Suzana Matos (Metodologia de Arte I), que pediu para que a gente fizesse um desenho relatando “o que você fez na sala de aula ou o que poderia fazer”.

Pensei em desenhar uma professora com seus alunos embaixo de uma árvore. Fiquei imaginando, como seria fazer isso com meus alunos também, ou seja, que a ideia não ficasse somente no desenho.

O trabalho com desenho foi feito na sala de aula da USP. Fui embora para aldeia com a ideia na cabeça. Passei algum tempo amadurecendo a ideia, e pensando como seria a reação dos pais e dos alunos diante da novidade, diante dessa nova prática. Confesso que tive medo de levá-la adiante. Resolvi tentar.

Eu tenho o hábito de todos os dias, antes de começar as aulas, ler fábulas para meus alunos. Eles têm entre 6 e 9 anos. Gosto de ler fábulas para eles, por causa da moral que elas passam. Depois da leitura converso com eles sobre qual era a moral da fábula. Um dia, eu não fiz a leitura habitual, então um aluno, de nome Gabriel, me perguntou se eu não ia ler fábula naquele dia. Eu pedi calma e disse que eles teriam uma surpresa. Em seguida, comecei a separar alguns livros para a aula de leitura, de acordo com a faixa etária de cada um. Peguei também um cobertor, e então eles ficaram mais curiosos ainda. Queriam saber o que eu ia fazer com ele, para o que era aquele cobertor.

Nas duas últimas aulas, eu disse a eles que nós iríamos até uma árvore próxima da escola. Nós fomos até lá e eu perguntei a eles, o que é que eles achavam de fazer a aula de leitura ali, à sombra da árvore ao invés da sala de aula. Foi uma euforia quase geral. Alguns estavam muito interessados, outros um pouco pensativos, perguntando por que não lá dentro da sala.

Disse a eles que daquele dia em diante, nossa aula de leitura seria sempre embaixo daquela árvore. Ficaram muito felizes, e todos os dias, quando estava próximo do horário da aula, eles começavam a perguntar quando é que íamos para a sombra da árvore. Eu respondia que estava quase na hora, mas que tinham que esperar a hora certa. Eles ficavam muito ansiosos.

Somente no inverno é que a aula embaixo da árvore é suspensa, por causa do frio, e

a leitura volta para sala de aula. Nas outras estações, temos aula todos os dias. Essa novidade causou curiosidade nas pessoas da aldeia, que se perguntavam o que será que Meire ia fazer todos os dias com seus alunos embaixo daquela árvore.

Na primeira reunião do bimestre, comentei com todos sobre o que é que eu fazia à sombra da árvore com meus alunos e qual era meu objetivo. Inclusive tinha todas as anotações da atividade registradas em um caderno. Uma das mães veio me dizer que realmente estava curiosa para saber o que estava acontecendo, pois em horário de aula, eu estava embaixo da árvore com as crianças. Ela achava aquilo muito estranho. Outra mãe, do aluno Lucas, disse que perguntou a ele o que estava acontecendo, e ele respondeu que era aula de leitura. Ela me disse que depois dessas aulas, seu filho Lucas se interessou mais pela leitura, que estava lendo até a Bíblia. Fiquei muito feliz com o comentário.

Agora todos os pais sabem dessa prática de leitura e estão tranquilos. Eu anoto em um caderno o processo de desenvolvimento ou dificuldades de cada um, e é por meio dessas anotações que eu faço meu plano de aula, ou seja, de acordo com as necessidades de cada um. Além disso, sempre mostro aos pais o caderno de anotações para que acompanhem o que está acontecendo tanto na sala de aula quanto embaixo da árvore.

No início, os textos que eu lia com os alunos eram, principalmente, fábulas. Depois comecei a ler outros de literatura infantil. São eles que escolhem o que querem ler, mas a seleção do que é mais apropriado para a idade de cada um, sou eu quem faço.

O que eu quero na verdade é, mostrar para eles outros tipos de texto, para que eles conheçam a diferença de cada tipo, como um texto de jornal, por exemplo, que é um texto informativo.

Uma vez, num jornal do município havia uma reportagem sobre o pai de um de meus alunos, sobre a plantação de abóbora que ele fazia. O jornal trazia fotos dele e da plantação. Perguntei para o meu aluno o que ele achava do trabalho do pai, e ele me disse que era bom, porque o pai ia ganhar muito dinheiro.

No segundo semestre, eu quero levar mais texto informativo. O que eu quero é que eles saibam a diferença entre um texto informativo e um texto literário.

Fizemos também uma história coletiva. Eles falavam e eu escrevia, lá embaixo da árvore. É a história de uma estrelinha. Num certo ponto da história, eles acharam que a história não tinha sentido. Questionei o porquê da falta de sentido, e eles acharam uma outra frase para continuar a história.

É a história de uma estrelinha que queria ser o Sol. Só que ela se apaixonou pelo Sol. Será que é por isso que ela queria ser o Sol? Então eles resolveram que, como a estrelinha tinha se apaixonado por ele, ela também queria ser um, para poder ficar do lado dele.

Depois disso, eu li de novo a história e eles acharam que ficou melhor. E assim, cada dia nós escrevemos uma história, que chamo de texto coletivo.

Eu quero trabalhar outros tipos de texto com eles, para que não fiquem somente com as histórias. Mas, quando li um jornal com eles pela primeira vez, parece que não se interessaram muito. Acho que é por causa da pouca idade deles. Ou talvez porque não tenha final feliz, como nos contos infantis.

Bem, eu acho que eles estão precisando desse tipo de trabalho. Mesmo que eu não consiga agora, mas quero deixar pelo menos uma sementinha, ou seja, de que existe outro tipo de texto. Mesmo porque, eles não veem os pais lendo jornal, então tem que ser apresentado por mim.

Tenho uma situação para contar que me deixa muito feliz, pois é sobre um aluno que não gostava da escola. Hoje esse aluno está na 3ª série. Ele dizia que não gostava de estudar. Depois que começou a aula de leitura embaixo da árvore, que ele via os outros lerem, ele se interessou, e hoje está muito bem na escola. Ele me surpreendeu. Seu nome é Rodrigo.

Quando penso que tudo isso é por causa da aula de leitura, quase choro de alegria. Quando não tem aula, ele pergunta por que, quando vai ter etc. Uma vez não dei a aula de propósito, só para ver o que eles sentiam. E percebi que fez falta. E o aluno em questão, vai bem em outras disciplinas também.

Sempre procuro contar para eles minha história de vida, em relação à escola, para que eles pensem na importância que ela tem. Quando eu era criança, não pude estudar, pois meu pai não tinha condições de sustentar eu e meu irmão na escola. Então ele foi, e eu fiquei. Chorei muito por ter que parar de estudar. Cresci, casei, tive filhos e me separei. Mas nunca perdi a vontade de estudar.

Quando me separei, voltei para a aldeia com duas crianças. Foi nessa época que na escola de Arco-Íris abriu uma sala de Telecurso 2000. Pedi a opinião de minha mãe, e ela me disse que eu é que tinha que resolver.

Eu me inscrevi e voltei a estudar. Pedi a minha mãe que olhasse meus filhos e comecei meu novo caminho. Fiz o Telecurso e terminei a 8ª série. Fiz o Magistério Indígena. Para explicar para meus alunos essa minha caminhada, digo que meu pai não

cortou minhas asas, ele só podou, e quando elas cresceram de novo, comecei a voar e nunca mais parei. Essa é a história que conto para incentivá-los.

Não é fácil para mim, deixar meus filhos e ir para São Paulo estudar, mas eu vou. E dessa maneira além de explicar, dou exemplo também, para que eles sigam seu caminho e realizem seus sonhos. Sem deixar de dizer que é preciso muito esforço para seguir em frente.

Mas, o que posso dizer é que é muito gratificante quando vejo o desenvolvimento dos meus alunos. Mesmo que na primeira vez que entrei na sala de aula tenha ficado com muito medo. Medo de não conseguir fazer um bom trabalho, medo da responsabilidade de cuidar dos filhos de outras pessoas, medo de não estar preparada.

Por dois anos eles são meus alunos, e quando vejo que já estão alfabetizados, choro feito criança. Meus alunos me perguntam por que eu estou chorando, eu respondo a eles: É de alegria.

Plano de Aula

Tema:

Prática de leitura num ambiente diferente da sala de aula

Objetivos:

Despertar interesse dos alunos para a leitura; utilizar vários tipos de livros para identificar os tipos de textos.

Procedimentos:

Reunir os alunos no final das aulas e levá-los para debaixo da sombra das árvores existentes perto da escola. Sobre um pano ou esteira, os alunos ficam sentados em roda, com os livros no centro. Em seguida, cada aluno escreve o seu nome e o do livro que gostaria de ler (que escolheu para ler) em um papel, que é colocado dentro de um saquinho para sortear. Então pedir para o aluno sorteado retirar o livro e fazer a leitura em voz alta.

Avaliação:

Sempre registrar os avanços e dificuldades de cada um durante a leitura e elaborar as atividades para serem desenvolvidas na sala de aula.

Do curso à coleção de livros...

Este livro é resultado de uma reflexão dos professores e alunos do curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena, um trabalho em equipe de ordem teórico-prático em busca de um caminho para a educação escolar indígena.

Professores do curso

Adriana D. Mendonça
 Adriano Martins
 Ana Shitara
 Cintia Maria Ingrevallo
 Circe Maria Fernandes Bittencourt
 Claudia Georgia Sabba
 Eduardo Carrara
 Gustavo Kilner
 Idméa Semeghini-Siqueira
 José Pedro Machado Ribeiro
 Leonora de Assis Portela
 Livia de Araújo Donnini Rodrigues
 Luís Donseti Grupioni
 Luiz Carlos Beduschi
 Marcos Neira
 Maria Aparecida Laginestra
 Maria Cecília Fantinato
 Maria Clara Di Pierro
 Maria do Carmo S. Domite
 Maria Imaculada Pereira
 Marina Célia
 Maximino Rodrigues Guarani-Kaiowa
 Nivia Gordo
 Patricia Pinna
 Patrícia Zuppi
 Paulo Diaz Rocha
 Pedro Roberto Jacob
 Regis Luiz Lima de Souza

Rogério Ferreira
 Ruth Monserrat
 Sandra Cristina La Torre Lacerda
 Sonia Castellar
 Sônia Maria Madi Rezende
 Suzana Mattos
 Ubiratan D'Ambrosio
 Vanisio Luiz da Silva
 Wanderleya Nara Gonçalves Costa
 Yolanda Fogaça Shimizu

Professores-alunos indígenas

Abílio da Silva Martins
 Adílio Wera Paraguassu
 Adriana Ará Poty Macena
 Adriano César Rodrigues Campos
 Alicio Lipu
 Altieri Damaceno de Oliveira
 Álvaro Francisco Iaiti
 Andréia Pio
 Ângelo Silveira
 Antonio da Silva Santos
 Antonio Macena
 Aparecido Vitor
 Basílio Silveira
 Carlos Roberto Indubrasil
 Cássio Martim Pereira
 Catarina Delfina dos Santos

Catia Martim Pereira
 Cláudio da Silva Felix
 Cláudio Karai Samuel dos Santos
 Cleberson Evaristo de Almeida
 Constantino Jorge da Silva
 Cora Augusto Martim Pereira
 Creiles Marcolino da Silva Nunes
 Cristiano de Lima Silva
 Cutiara S. Knocita
 Danilo Marcolino
 Davi Honório Cardoso
 David Henrique da Silva Pereira
 Edevaldo Cotuí
 Edilene Pedro
 Edilson Euzébio Fernandes
 Edson Djejuaka Mirin Macena
 Ezequiel da Silva Evaristo
 Fabiana Aparecida Lima da Silva
 Fabiana Damaceno Oliveira
 Fabiola dos Santos Cirino
 Giselda Pires de Lima
 Ivanilda Iaiti
 Jaciara Augusto Martim Pereira
 Jaciara de Souza Gomes de Menezes
 Jacira Jorge de Souza Gomes Pires
 Jacirema Gomes dos Anjos
 Jatiaci Fernandes Martins
 Jehei Pio
 João Carlos Silveira
 João da Silva
 João Lira da Silva
 Joel Augusto Martim
 José Roberto da Silva Santos
 Juliano Cabral Ramires

Laurinha da Silva
 Lenira Dina de Oliveira
 Licia Vitor
 Lídia Krexu Reté Veríssimo
 Márcia Augusto M. de Campos
 Márcia Pio Márcia Pio Martins
 Marcílio Mariope Castro
 Marcio Pedro
 Maria Fernandes
 Maria Luisa Lipu
 Marinalva Kerexu Paraguassu
 Mirian Dina dos Santos Oliveira
 Moacir Augusto Martim
 Nicolau Tupã Mirim
 Odair Eusébio
 Pedro Francisco Evaristo
 Pedro Vera Popygua Miri Delane
 Poty Poran Turiba Carlos
 Richard Caetano
 Rosimeire Barbosa Dias
 Sara Silva Rosário
 Saulo Cabral Ramires
 Sebastião J. Fernandes
 Sergio Martins da Silva
 Tereza Silvério
 Tiago de Oliveira
 Ubiratã Jorge de Souza Gomes
 Valdecir Ribeiro Alves
 Valdecir Fernandes dos Santos Oliveira
 Valdenice Cardoso Soares Vaiti
 Valmir Miri Macena Lima
 Vlademir Isac da Silva Lima
 Zélia Luiz